

Poltergeist de Guarulhos



Hernani Guimarães Andrade

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISAS PSICOBIOFÍSICAS

— IBPP —

MONOGRAFIA Nº6

O POLTERGEIST DE GUARULHOS

PK - 16

por

HERNANI GUIMARÃES ANDRADE

— São Paulo, BRASIL —

1 9 8 4

MONOGRAFIA Nº6

O POLTERGEIST DE GUARULHOS

PK - 16

SOCIAAL INDIVIDUALISTISCHE
ORGANISATIE - SIO
Darrenhof 9
6533 RT NIJMEGEN

Copyright (c) 1984, by
HERNANI GUIMARÃES ANDRADE

Todos os direitos reservados pelo autor

Impresso no BRASIL
Van Moorsel, Andrade e Cia. Ltda.
Rua Souza Caldas, 357
03025 (Brás)
São Paulo, SP.

Endereço do IBPP, para remessa de comunicações:

INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISAS PSICOBIOFÍSICAS - IBPP
Rua Dr. Diogo de Faria, 239
Vila Clementino
04037 - São Paulo, SP, Brasil

INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISAS PSICOBIOFÍSICAS

— IBPP —

MONOGRAFIA Nº6

O POLTERGEIST DE GUARULHOS

PK - 16

por

HERNANI GUIMARÃES ANDRADE

— São Paulo, BRASIL —

1 9 8 4

Obras do mesmo autor:

A TEORIA CORPUSCULAR DO ESPÍRITO

- 1a. edição, 1958 - esgotada
2a. edição, 1959 - esgotada

NOVOS RUMOS À EXPERIMENTAÇÃO ESPIRÍTICA

- 1a. edição, 1960 - esgotada

PARAPSIKOLOGIA EXPERIMENTAL

- 1a. edição, 1967 - esgotada
2a. edição, 1976 - esgotada
3a. edição, 1983 - Pensamento - esgotada
4a. edição, 1984 - Pensamento

A MATÉRIA PSI (Tese)

- 1a. edição, 1970 - esgotada
2a. edição, 1972 (in A MATÉRIA PSI, 1a. edição, Matão:
O Clarim, 1972) esgotada
3a. edição, 1976 (em inglês: THE PSI MATTER)
4a. edição, 1981 (in A MATÉRIA PSI, 2a. edição, Matão:
O Clarim, 1981)

O CASO RUYTEMBERG ROCHA

- 1a. edição, 1971 - esgotada
2a. edição, 1973 (em inglês: THE RUYTEMBERG ROCHA CASE)
3a. edição, 1980

UM CASO QUE SUGERE REENCARNAÇÃO: JACIRA X RONALDO

- 1a. edição, 1976 - esgotada
2a. edição, 1977 - esgotada
3a. edição, 1980 (em inglês: A CASE SUGGESTIVE OF
REINCARNATION: JACIRA & RONALDO)
4a. edição, 1980

UM CASO QUE SUGERE REENCARNAÇÃO: SIMONE X ANGELINA

- 1a. edição, 1979

O POLTERGEIST DE SUZANO

- 1a. edição, 1982

MORTE, RENASCIMENTO, EVOLUÇÃO: UMA BIOLOGIA TRANSCENDENTAL

- 1a. edição, 1983 - Pensamento

ESPÍRITO, PERISPÍRITO E ALMA: ENSAIO SOBRE O MODELO ORGA-
NIZADOR BIOLÓGICO

- 1a. edição, 1984 (no prelo) - Pensamento

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

- X ANDRADE, H.G. - *O Poltergeist de Suzano*, São Paulo: IBPP, 1982.
- BRAGA, L. - *Trabalhos de Umbanda ou Magia Prática*, Rio: Editora Moderna, 1946.
- CARRINGTON, H. & FODOR, N. - *Haunted People: Story of the Poltergeist Down the Centuries*, New York: Dutton, 1951.
- GAULD, A. & CORNELL, A.D. - *Poltergeist*, Londres: Routledge & Kegan Paul, 1979.
- KARDEC, A. - *O Livro dos Médiuns*.
- OSIS, K. & Mc CORMICK, D. - "A Poltergeist Case Without an Identifiable Living Agent". *Journal ASPR*, Vol.76, Nº1, January, 1982, pp.44.
- X PLAYFAIR, G.L. - *The Flying Cow*, Londres: Souvenir Press, 1975.
- * PLAYFAIR, G.L. - *A Força Desconhecida* - trad. de P.Lemos, Rio: Record, 1978.
- PLAYFAIR, G.L. - *The Indefinite Boundary*, Londres: Souvenir Press, 1976.
- X PLAYFAIR, G.L. - *This House is Haunted: An Investigation of the Enfield Poltergeist*, Londres: Souvenir Press, 1980.
- ROCHAS, A. de - *A Feitiçaria, Exteriorização da Sensibilidade*, São Paulo: Edicel, 1971.
- ROLL, W.G. - *The Poltergeist*, New York: The New American Library, 1972.
- ROBINSON, D. - *To Stretch a Plank: A Survey of Psychokinesis*, Chicago: Nelson-Hall, 1981.

- STEVENSON, I. — "Are Poltergeist Living or Are They Dead?".
Journal ASPR, Vol. 66, July, 1972, Nº3, pp.233-252.
- TIZANE, E. — *L'Hôte Inconnu dans le Crime Sans Cause*, Paris, Tchou, 1977.
- TIZANE, E. — *Il n'y a pas de Maisons Hantées?* Paris: "Omnium Littéraire", 1971.
- VERGNES, G. — *Quand le Diable Habitait Séron*, Paris: RDT, 1980.
- XAVIER, F.C. — *Libertação*, psicografia, Espírito André Luiz, Rio: FEB, 1949.
- ZÖLLNER, J.K.F. — *Provas Científicas da Sobrevivência*, São Paulo: Edicel, 1966.

Aos queridos companheiros:

LUCIANO BARACHO ROCHA e

CRISTINA TAVARES DA COSTA ROCHA

com muito carinho.

São Paulo, Inverno de 1981

HERNANI GUTHARDES ANDRADE

AGRADECIMENTOS

O autor agradece a grande colaboração das seguintes pessoas, graças à qual ^{foi} tornou-se possível a elaboração deste trabalho:

^{engenheiro} Eng. Ricardo de Godoy Andrade, D. Carmen Sylvia Maciel Marinho, D. Fernanda Marinho Leitão da Cunha e psicólogas ^{veread} Andréa Samuel e Julika Kiskos.

Especial agradecimento à Srta. Maria das Graças de Souza pela revisão do texto, à Profa. Suzuko Hashizume pela organização e datilografia das matrizes e aos membros da Família atingida pelo poltergeist, cujos nomes verdadeiros tivemos de ocultar por questão de ética.

São Paulo, Inverno de 1984

HERNANI GUIMARÃES ANDRADE

le da frente, outra na dos fundos. Um quintal muito res-
trito, da primeira casa, serve de área de entrada da se-
gunda unidade. Em 1973, no imóvel da frente, residia o
casal Sr. Marcos e D. Noêmia (presumível epicentro) com
a filha de um ano e meio, Ruth. Nos fundos moravam o Sr.
Pedro e sua esposa, D. Judite, genitores do Sr. Marcos.
Juntamente com eles, ainda residiam mais três filhas e
dois filhos, cujas idades variavam entre onze e vinte a-
nos. Ao todo, portanto, dez pessoas distribuídas pelas
duas casas, conforme indicamos.

Trata-se de pessoas modestas, pacíficas e de
boa educação. Declararam-se crentes de uma seita evangé-
lica, "Pentecostal", cujos preceitos são rigorosamente
seguidos pelo grupo familiar. O padrão é do tipo patriar-
cal. O chefe da família, Sr. Pedro (55 anos), é pedrei-
ro-construtor. Na igreja, "Assembléia de Deus", ele exer-
ce liderança e tornou-se conhecido como exorcista. Ape-
sar de sua condição social modesta, o Sr. Pedro é homem
inteligente, bem educado e comunicativo. Fala com fluên-
cia e demonstra entusiasmo pela sua religião, sem ser fa-
nático nem intolerante relativamente às outras crenças.
Os demais membros de sua numerosa família parecem inte-
ligentes e são tão simpáticos e acolhedores como os
pais.

Relativamente aos fenômenos ocorridos, inicial-
mente, todos se mostravam bem informados e não manifes-
tavam assombro ou apreensão. Isto talvez se deva às suas
convicções religiosas e à confiança inspirada pelo Sr.
Pedro. Durante as primeiras entrevistas, pudemos notar
que as pessoas da família presenciaram os fenômenos, sem
se alarmarem demasiado, no começo.

Os acontecimentos podem dividir-se em três fa-
ses principais. A primeira, de curta duração, iniciou-se
dia 27 de abril de 1973, e terminou dia 1º de maio de
1973. A segunda fase teve início um ano depois, começando
em fins de abril de 1974, terminando dia 25 de outubro
de 1974. Finalmente, a terceira fase iniciou-se dia 28
de março, numa sexta-feira, do ano de 1975. Não temos a
data precisa de sua extinção.

Fizemos sete visitas aos locais dos fenômenos,
nas seguintes datas: 12 e 15 de outubro de 1973; 10 e 15
de fevereiro de 1975; 26 de abril de 1975; 16 de outubro
de 1976; e 21 de abril de 1984. Durante as entrevistas
colhemos, em fita magnética, cerca de seis horas de de-
poimentos das diversas testemunhas, bem como obtivemos
inúmeras fotografias de pessoas e de alguns objetos dani-
ficados.

* * *

Guarulhos é uma cidade situada a 23º 28' 30"
de latitude sul e 46º 31' 39" de longitude oeste, com
uma altitude de 760m. Dista 18km da capital de São Pau-
lo, fazendo parte da Grande São Paulo. Sua população é
estimada em 600.000 habitantes. As atividades econômicas
de Guarulhos consistem em indústrias de transformação, a
vicultura e horticultura.

Vamos passar ao relato das ocorrências.

* * *

1 - FATOS OCORRIDOS ENTRE 27 DE ABRIL E 1º DE MAIO DE 1973

1.1 - PRIMEIRAS ENTREVISTAS

Fomos informados acerca do Poltergeist de Gua-
arulhos, alguns meses após haver-se ele iniciado e por
meio de recortes de jornal gentilmente a nós enviados
por colaboradores. Embora tardiamente, procuramos contac-
tar a família perturbada pelo fenômeno. As duas primei-
ras entrevistas foram realizadas nos dias 12 e 15 de ou-
tubro de 1973. Notamos que a lembrança dos fatos estava
ainda bem nítida na memória das pessoas daquela família,
de modo que foi fácil reconstituir as ocorrências teste-
munhadas.

Como, nesta primeira fase, os fenômenos de Poltergeist duraram apenas cerca de 6 (seis) dias, foram poucos os eventos relatados.

1.2 - OS FENÔMENOS

De acordo com o chefe da família, Sr. Pedro, os acontecimentos principiaram no dia 27 de abril de 1973 e duraram até o dia 1º de maio desse mesmo ano, às 9 horas e 30 minutos da manhã. Inicialmente, atribuíram os primeiros fatos às traquinagens de um menino de três anos de idade, neto do Sr. Pedro. Removido dali o garotinho, os fenômenos continuaram a ocorrer e, posteriormente, foram testemunhados no exato momento em que surgiram.

A maior parte das ocorrências iniciais consistiu no aparecimento inexplicável de extensos cortes efetuados nos estofamentos do mobiliário e nas capas dos colchões. Assemelhavam-se a grandes rasgos ou cortes, paralelos, efetuados, ou por navalha ou por unhas afiadas, gigantescas e invisíveis para a maioria das testemunhas. Ainda mais, houve quem visse garras enormes pertencentes a um ser estranho, talvez habitante de uma outra dimensão e que, em dados momentos, teria tido acesso aos objetos deste nosso espaço. Eis o que o Sr. Pedro declarou durante a entrevista do dia 12 de outubro de 1973:

Pedro — "Foi como uma visão — não é a primeira vez que eu vejo, porém estava acordado e de olhos abertos — vi a mão e o braço de fera, de monstro, não de homem. Era muito forte e grande; unhas muito agudas, com 14 a 15cm, curvadas, pretas e lustrosas. O pêlo era vermelho, fino, brilhante, assentado como de onça-vermelha. As unhas curvas eram amoladas por cima. Se soubesse desenhar, desenharia a mão perfeitamente, mas não sei."

Inquirido acerca da frequência dos fenômenos, o Sr. Pedro esclareceu:

Pedro — "Havia intervalos de horas. Começava a cortar das 17 às 19 horas; parava entre 20 e 21 horas. Cessava

durante o dia, para recomeçar à tarde. No dia 1º de maio, o agente invisível cortou desde a manhã até às 21 horas e 30 minutos da noite."

Perguntamos se o fenômeno ocorria na presença de pessoas ou somente na ausência destas. A resposta do Sr. Pedro foi a seguinte:

Pedro — "Das duas formas, tanto com pessoas presentes como com elas ausentes. Quando estávamos num local surgiam os rasgos em outro. Eu mesmo vi os rasgos surgirem — mas não vi quem os produzia — numa cadeira em que estava uma criança e na cadeira em que estava minha nora. O rasgo apareceu ao lado dela. Ela viu uma sombra, volveu o corpo e o rasgo apareceu ao lado dela."

Em outra ocasião, D. Noêmia — a nora do Sr. Pedro — estava costurando e pôde presenciar diretamente o fenômeno:

Noêmia — "Eu estava costurando um vestido na máquina, quando senti um arrepio. Olhei para trás e vi os cortes se abrindo no colchão e senti arrepios. Vi um animal semelhante a um gorila, senti sensações desagradáveis, arrepios..."

O Sr. Pedro referiu-se a um incidente ocorrido com uma vizinha e amiga da família, D. Zenaide da Silva, apelidada D. Zina:

Pedro — "A vizinha chegou numa das noites e a minha nora contou-lhe o que tinha visto: a mão do monstro. A vizinha riu, achando impossível. Porém, logo após, também viu a mão, muito feia, apavorou-se e desmaiou."

1.3 - ENTREVISTA COM D. ZINA

Dia 10 de fevereiro de 1975, às 15 horas, fomos à residência de D. Zina, a fim de entrevistá-la. Solicitada a relatar-nos sua experiência concernente aos fatos ocorridos na casa do Sr. Pedro, ela nos contou o que segue:

Zina — "Eu estava sentada na sala com meu esposo, quando bateram no portão. Era o Sr. Pedro. Eu estranhei, pensei que fosse doença porque ele não era um senhor de ir à casa dos vizinhos. Ele pediu que eu e meu marido o acompanhássemos até sua casa. Ele disse: 'Eu quero que vocês vão lá — vocês são adultos — para ver o que está se passando.'"

Acho que já fazia uns dois ou três dias que estava acontecendo. Aí nós fomos. Quando chegamos lá, ele mostrou. Vimos então o sofá, colchão, tudo destruído, tudo rasgado. Então meu marido, que é meio curioso, entrou no quarto, viu um colchão rasgado de um lado e virou o colchão. O colchão não estava rasgado do outro lado. Então ele falou: 'Agora quero ver o bicho rasgar!' Mas ele não viu. Nós saímos para a cozinha e ouvimos a nora do Sr. Pedro gritar: 'O sangue de Jesus tem poder!' Entramos, e o colchão já estava rasgado em três lugares! E o quarto (cômodo) era pequeno. Tinha uma cama de um lado, outra de outro, um espaçozinho no meio, um guarda-roupa. Sentei-me ali e ficamos conversando. Meu marido, só por curiosidade, perguntou como via, como não via, o que era, o que não era, e a moça explicava. Eles explicaram que só a nora, a Noêmia, é quem via aquela mão peluda, unhas grandes. Eu fiquei ali ouvindo as perguntas, por curiosidade; aí olhei para ela e disse: 'Mas só Você quem vê? Ninguém vê como é?' Quando falei assim, aquela mão enorme passou na minha frente, e eu perdi os sentidos... Quando voltei, eles estavam todos em volta, orando, falando, pedindo! E eu chorando..."

Quando perguntamos à D. Zina se ela vira exatamente como era a mão, ela respondeu:

Zina — "Não. Só vi de relance; aquela coisa peluda e escura passou assim na minha vista e eu perdi os sentidos!"

D. Zina explicou, a seguir, que a cor era escura, mas não preta. A cor parecera-lhe marrom bem forte, como pêlo de macaco. Ela não chegou a ver as unhas, mas afirmou que os dedos pareciam bem compridos.

1.4 - ENTREVISTA COM NATANAEL

É de particular interesse o relato de Natanael, filho do Sr. Pedro:

Natanael — "Ao voltar do serviço, na sexta-feira, não sabendo do caso, encontrei todos preocupados. Colocaram-me a par do ocorrido e fiquei também preocupado. Saí para a escola e voltei às 24 horas. O fenômeno continuava — nessa noite durou bastante. O mesmo se passou nos outros dias e ficamos firmes; não nos preocupamos mais, embora não soubéssemos o que era. Muitos vinham ver e achavam que éramos nós, os de casa, que fazíamos os rasgos, mas nós sabíamos que não era assim. Sábado deu-se a última ocorrência. Um pequeno arranhão no armário. Foi a última coisa que aconteceu."

Perguntamos se ele teria visto o exato momento em que ocorreram os cortes:

Natanael — "Eu não vi muito bem. Uma vez, só eu ouvi o barulho do colchão rasgando. Um rapaz que estava perto viu bem. Eu só ouvi o barulho. Não percebi direito."

IBPP — Quem é o rapaz que viu o rasgo abrir-se?

Natanael — "Só sei o nome: Adauri, mora na mesma rua, não sei o número. Tem 16 anos."

IBPP — Como ele descreveu o fenômeno?

Natanael — "Falou que conforme olhou, ouviu o barulho e viu o rasgo se abrindo. Apenas disse isso; nada mais."

Informou-nos, também, que o Adauri trabalhava no SENAI e que era estudante.

1.5 - OUTROS FENÔMENOS

Além dos fenômenos dos cortes nos estofamentos e colchões, deram-se mais outros acontecimentos, no intervalo entre 27 de abril e 1º de maio de 1973. Segundo

informações do Sr. Pedro, [houve desaparecimento de dinheiro por duas vezes; na primeira vez, Cr\$100,00; e na segunda vez, Cr\$20,00. Em 1973, estas importâncias eram consideradas de valor significativa. O Sr. Pedro havia colocado os Cr\$20,00 perto do guarda-comida. O dinheiro sumiu e, no lugar, foi encontrado um pedaço de papel com uma cruz vermelha desenhada. Não se soube mais do dinheiro. Na família do Sr. Pedro, ninguém tiraria aquela importância, pois são todos rigorosamente educados nos preceitos evangélicos. Não havia de quem suspeitar. Outro evento observado foi que a fechadura da porta se quebrou inexplicavelmente, por duas vezes e, em ambas as ocasiões, a chave foi jogada fora. O Sr. Pedro e seus familiares não souberam como explicar estas ocorrências.]

* * *

Foram estes os principais eventos ocorridos entre 27 de abril e 1º de maio de 1973. Segundo informações do Sr. Pedro, nesta fase dos acontecimentos, ele e a família limitavam-se a fazer orações e a ler a Bíblia. Recitavam de preferência o Salmo 91. Não procuraram fazer o exorcismo, porque "não tinham ordem de Deus" e estavam certos de que a perturbação desapareceria naturalmente, o que realmente aconteceu no dia 1º de maio de 1973.

Entretanto, exatamente um ano após, os fenômenos iriam ressurgir mais agressivos e insidiosos ainda.

2 - FATOS OCORRIDOS ENTRE FINS DE ABRIL E 25 DE OUTUBRO DE 1974

2.1 - AS QUEDAS DE PEDRAS

Na mesma data em que entrevistamos D. Zina, dia 10 de fevereiro de 1975, procuramos também pelos seus vizinhos, Sr. Pedro e seu filho Sr. Marcos. Ambos haviam-se mudado. O Sr. Pedro saíra antes, em meados de junho de 1974,

para residir na cidade de Guaianazes, retornando, em agosto de 1974, a Guarulhos, em outro endereço. O Sr. Marcos a lugara uma casa em outra rua, na mesma cidade de Guarulhos, tendo antes passado dois ou três meses na casa dos sogros, em Artur Alvim, e alguns dias em Suzano, na casa de uma irmã de D. Noêmia.

Na antiga casa, antes e depois que o Sr. Pedro se retirou, os fenômenos voltaram a repetir-se na parte da frente, quando ainda estava sendo habitada pelo Sr. Marcos e sua família. Depois que estes últimos deixaram totalmente as casas, não ocorreram ali mais fenômenos de Poltergeist, exceto um único caso de PPG.

Encontramos o Sr. Marcos na casa de seus pais, que se achavam em um novo domicílio em Guarulhos, e ali pudemos entrevistá-lo, bem como ao Sr. Pedro.

O Sr. Marcos começou explicando que, em fins de abril de 1974, ele ainda se encontrava morando na parte da frente da antiga casa. O Sr. Pedro também continuava residindo na parte dos fundos. Até então nada de anormal havia acontecido, desde o último evento da primeira fase encerrada dia 1º de maio de 1973.

Usufruíram de tranqüilidade durante praticamente um ano todo.

Em fins do mês de abril de 1974 os fenômenos de Poltergeist recomeçaram! [Desta vez houve inicialmente queda de pedras sobre o telhado da casa. O apedrejamento ocorria sempre durante o dia, prolongando-se até às 19 ou 20 horas da noite. Caíam cascalhos com cerca de 400 a 700gr, meios tijolos e cascalhos menores. O Sr. Pedro deu vários esclarecimentos a respeito, dizendo que as pedras não pareciam ser jogadas e sim soltadas em cima da casa. Por isso o ruído da queda não era forte, embora claramente audível. Depois de umas quatro horas mais ou menos, alguém da família subia ao telhado e retirava as pedras. O Sr. Pedro avaliou em cerca de 20kg o material assim retirado de cima do telhado. Fizeram-se plantões para verificar como se dava o fenômeno, mas não se via a trajetória das pedras.

Elas apenas eram notadas quando estavam exatamente em cima do telhado da casa, a cerca de um metro das telhas, então caíam, rolavam um pouco e paravam. Perguntamos ao Sr. Pedro se ele tinha idéia de onde proviriam tais pedras:

Pedro — "As pedras eram apanhadas nas proximidades de... talvez da frente da casa, onde tinha cascalho... Realmente na frente, um pouco distante, havia cascalho jogado, mas não tinha meios de serem mãos próprias para atirar, porque nós estávamos presentes ali!"

IBPP — Qual era a distância, em metros, do lugar de onde eram tiradas?

Pedro — "Trinta metros... As pedras eram tiradas dali, mas soltadas, era como se fossem soltadas da altura de um metro mais ou menos, porque a pancada não era grande. Eram soltadas realmente em cima da casa!"

2.2 - O FENÔMENO DOS CORTES REAPARECEM

Na mesma ocasião em que entrevistamos o Sr. Pedro, em sua própria residência, lá se encontrava também o Sr. Marcos, o qual confirmou as informações prestadas pelo seu pai. Inquirimo-lo a respeito do fenômeno dos cortes, que sabíamos haver recomeçado.

O Sr. Marcos principiou o seu diálogo conosco, dizendo que os "cortes" se reiniciaram exatamente dia 2 de maio de 1974, numa quinta-feira, aproximadamente entre 2 e 3 horas da madrugada. Por conseguinte, recomeçaram logo após a queda das pedras:

Marcos — "Começou... a gente sente algo ... começou jogando pedra em cima da casa. Eu chegava do serviço, minha esposa me contava, e eu vendo as pedras. Eles iam ajuntando as pedras, mas deu no dia seguinte, na quinta-feira. Eu estava deitado, na base das três horas da madrugada mais ou menos, eu dormindo, e acordei com um corte no braço!"

O corte no braço do Sr. Marcos foi na região do tríceps. Tratava-se de um corte fino e superficial, mas sangrou um pouco. O Sr. Marcos e a sua esposa estavam dormindo, mas, no momento em que se deu o corte, tanto ele como a mulher despertaram. Ela acordou primeiro e gritou: "Filho, você está cortado!" Aí ele notou que, do braço, escorria sangue.

Perguntamos ao Sr. Marcos se D. Noêmia havia visto o instante em que ele foi cortado:

Marcos — "Ela alega que viu um vulto ao lado da minha cama, um tipo de monstro, um negócio assim. Eu não vi nada; dormia. Quando acordei ela me disse que olhasse para meu braço, e inclusive eu olhei no espelho e vi. Esse lugar não dava para ver. Eu olhei o corte. Passei a mão, ainda peguei no sangue!"

IBPP — Como descreveu ela o vulto?

Marcos — "Disse que era um bicho cabeludo, tipo de uma onça, como se fosse um gorila, um macaco... Ela disse que viu aquele vulto, um bicho feio, horrível..."

IBPP — De que cor era?

Marcos — "Ela não descreveu a cor. Disse que tinha a cara de fogo, os dentes grandes. Um negócio horrível. Logo que ela viu, ela começou a chorar e não agüentou. Aí não conseguimos mais dormir, ficamos acordados, andando pra lá e pra cá. Foi quando vim e chamei meu pai, pois não conseguíamos mais dormir. Contei o problema a ele; que o bicho me cortara. Ficamos sem dormir. Isso foi acho que numa quinta-feira. Até no mesmo dia não fui trabalhar. Fiquei em casa, esse corte... minha esposa assustada ... não fui trabalhar. Fiquei durante o dia e fui consertar o telhado da casa. Subi em cima da casa. Peguei esta minha garotinha, a casa tinha lage; pus a garotinha em cima da lage e recebi uma pancada de uma pedra. Veio aquela pedra; bateu. Estive até contando para a vizinha. Recebi aquela pedra; peguei, era um pedaço de tijolo; joguei no chão, peguei a menina e desci, pois fiquei com medo."

O Sr. Marcos prosseguiu contando que, ao entrar em casa, teve outra surpresa: Ele possuía uma carteira porta-documentos, que fora deixada sobre o aparelho de televisão. Quando ele entrou em casa, o porta-documentos e seu conteúdo achavam-se cortados em cruz. Logo a seguir, D. Noêmia chamou o marido e mostrou-lhe a calça de seu terno novo; a calça estava com três cortes longitudinais, na perna esquerda à altura da coxa.

Daí em diante, inúmeros outros objetos passaram a ser cortados pelo estranho agente, tais como fronhas, colchas, cobertores, etc. Houve casos em que os cortes eram feitos interiormente, estando as peças dobradas.

Ouçamos o Sr. Marcos, a este respeito:

Marcos — "... porque os cobertores, por exemplo, dobrados, quando se abriam lá estavam os cortes. Aí, começaram os cortes. Cortou roupa no varal, bolsa de serviço, chinelos; chinelos cortados e colocados em cruz, em cima da mesa da pia!"

IBPP — Esses cortes nos chinelos chegavam a decepá-los em pedaços?

Marcos — "Decepar mesmo, de eu perder. Eu tive um sapato de camurça que eu usei, novinho, pus no serviço, e fui obrigado a jogar fora."

2.3 - OS GALHOS DE ALECRIM E O ESTOURO DAS ENCERADEIRAS

Estes episódios foram destacados devido ao fato de possuírem significância, pois são manifestações típicas, observadas por nós em outros casos de Poltergeist, em que se evidenciaram ações maléficas oriundas de feitiçaria. O surgimento de fogo ou explosões, bem como o aparecimento de plantas usadas nos rituais de feitiçaria, são indícios quase seguros de que na produção deste Poltergeist houve um componente de "magia negra".

Concordamos, de antemão, que são fenômenos também explicáveis naturalmente, mas, conforme iremos ver,

eles se inserem no contexto dos fatos paranormais, por não mostrarem outra razão de ser mais plausível. Vamos transcrever o depoimento do Sr. Marcos:

Marcos — "Começou a cortar as coisas, sapatos; eu estive jogando sapatos fora, bolsa de carregar marmita. Eu não sei se essa bolsa ainda está aí; estava aqui. Vestido no varal... Quero adiantar que no princípio disso aí, depois das pedras, surgiram galhos de alecrim no bolso do meu paletó. Apareceram os galhos de alecrim. Fui tirar um lenço, e tirei aquele galho de alecrim; joguei fora. Minha esposa falou: 'Olha alecrim no seu bolso!' Tirei e joguei fora. No outro dia apareceu alecrim na janela; um galho de alecrim na janela. Fui lá e joguei fora. E depois começaram as coisas. Enceradeira... minha esposa e minha mãe encerando a casa, a enceradeira estourou! Até hoje está queimada em casa. Pegaram a enceradeira da vizinha, e estourou também."

O Sr. Marcos acrescentou, ainda, que o fenômeno não era de aspecto comum como um curto-circuito ou algo semelhante. Era, na realidade um sinal de fogo, como afirmou ele:

Marcos — "Sinal de fogo... eu não vi, mas sei que as duas foram queimadas... É um tipo de um fogo, queimava, explodia e pronto! Isso no princípio, depois começou a cortar as coisas. Nessa quinta-feira mesmo, eu não fui trabalhar, pois vi que as coisas não estavam boas, começou a cortar as coisas e tudo, eu fiquei em casa. Estávamos conversando no quintal e chegou uma conhecida minha com uma garotinha da idade de um ano e meio mais ou menos, idade da minha filhinha..."

Neste ponto o Sr. Marcos passou a relatar-nos outro episódio que pela sua gravidade e importância merece, também, ser destacado.

2.4 - O ESTRANHO AGENTE MALÉFICO FERRE A GAROTINHA

A senhora que fora fazer uma visita ao Sr. Marcos e D. Noêmia, levando sua filhinha, era moradora das proximidades e pertencente à mesma Igreja. Trata-se de pessoas amigas e que sempre se visitam. Vamos reproduzir na íntegra a entrevista com o Sr. Marcos, acerca desse episódio.

IBPP — Quantos anos tem a garotinha?

Marcos — "Naquela época tinha um ano e meio."

IBPP — Foi em 1974?

Marcos — "Sim, em 1974, ela teria um ano e meio. Deve estar agora com dois anos e três meses, ou quatro meses. É da idade de minha filhinha. Nós estávamos no quintal, veio chegando e ainda brincou: 'Família unida, permanece unida.' Mas ela não sabia do fato. Ao esposo dela, eu tinha contado mais ou menos, mas como estava grávida, ele não contou nada a ela. Ela vinha chegando, fomos conversar; a garotinha entrou no quintal e foi para minha sala junto com a minha menina. Quando a garotinha entrou na sala, nós ouvimos um grito! A minha esposa estava na cozinha. A menina gritou na sala. Quando a menina gritou eu corri para a sala, e a menina estava sangrando na perna esquerda."

IBPP — Em que lugar da perna esquerda?

Marcos — "Na parte da barriga da perna, mais para o lado de dentro da perna esquerda... um corte só."

IBPP — Ao comprido?

Marcos — "Sim, e esse corte foi fundo, pois se via a carne branca dentro. Começou a jorrar sangue na botinha da criança e aí foi um desespero! Eu tive que correr à farmácia, comprar um medicamento, não querendo dizer para a mãe da criança; e depois a mãe da criança chegou à conclusão. Eu disse que o problema aqui ocorria, assim, assim, e ela disse que já sabia o que se passava, que

não havia problema. Fizemos o curativo na garotinha e desde dia em diante começou a cortar a gente. Foi quando ele já tinha me cortado, voltou a me dar um corte no rosto, aqui assim."

O Sr. Pedro também se referiu a esse episódio, em sua entrevista. Disse que o corte foi grande na perna da menina. Ele estimou em três centímetros de comprimento por um centímetro e meio de profundidade na parte central. A descrição do incidente feita pelo Sr. Pedro coincide exatamente com a do Sr. Marcos:

Pedro — "Quando ela foi se aproximando da porta do quarto, na entrada do quarto, escutamos o grito! Ninguém sabe o que a menina viu, porque ela não disse o que viu, mas ela gritou e, quando a mãe correu, a menina já estava cortada! Meu filho Marcos pegou a menina, escondendo da mãe que estava em estado interessante. Eu vi; quando vi o sangue escorrendo, não sabia do que se tratava ainda no momento, mas o Marcos sabia o que realmente havia sido. E nós escondendo, ela perguntando o que era e eu disse que não era nada. Tiramos a menina da presença dela, e o sangue lavou bastante. Então fizemos um tratamento."

O Sr. Pedro comentando o ocorrido, disse-nos que acreditava ter-se a criança assustado com mais alguma coisa, mas que ela não soube relatar aquilo que teria visto.

2.5 - O MONSTRO INVISÍVEL CORTA MAIS PESSOAS

Após relatar o episódio da garotinha que teve a perna ferida, o Sr. Marcos e o Sr. Pedro referiram-se a mais outros fatos semelhantes, ocorridos com o próprio Sr. Marcos e sua esposa, D. Noêmia.

O Sr. Marcos contou-nos que sofrera um corte no rosto a partir da fronte, do lado esquerdo, em direção à orelha, por cima do cabelo. Foi um corte fundo. Então o misterioso agressor passou a atacar D. Noêmia. Eis as próprias palavras do Sr. Marcos: — "Aí voltou a atacar minha esposa. Com ela foi um negócio mesmo impressionante.

Tinha dias em que ela ficava com o rosto totalmente cortado; isso mais pela manhã."

Fizemos uma série de perguntas acerca desse episódio:

IBPP — Os cortes eram profundos?

Marcos — *"Sim, sangrava mesmo. Ela sentia e dizia: 'Filho, estou com o rosto ardendo!' Quando eu olhava no rosto dela, o sangue estava escorrendo."*

IBPP — O corte era então muito fino?

Marcos — *"Fininho, tipo de uma unha bem fina."*

IBPP — Como navalha?

Marcos — *"Isso, mas viam-se três ou quatro cortes de uma vez."*

IBPP — no seu caso, foi só um?

Marcos — *"No meu foi só um. Na minha esposa eram de três a quatro. Os que pegavam mais eram esses três aqui." Sr. Marcos referia-se à provável posição dos dedos portadores das afiadas unhas do monstro.*

IBPP — Os cortes que se vêem nos estofamentos das cadeiras são também em número de quatro...

Marcos — *"Sim, três, quatro ou cinco. Eram sempre assim. Aí foi um problema, pois ela sangrava mesmo. Eu, inclusive, perdi vários dias. Levantava de manhã; quando estava pronto para sair, ela às vezes levantava para fechar a porta e dizia: 'Filho, estou com o rosto ardendo!' Quando olhava no rosto dela, via sangrar."*

IBPP — Ela não percebia o momento em que era cortada?

Marcos — *"Ela não via; sentia arder. Eu é quem dizia pra ela olhar no espelho. Olhando no espelho, é que ela via os cortes, via o sangue correndo. Eu já não ia trabalhar*

e continuava a luta durante o dia inteiro. Até eu vendi a casa..."

O Sr. Pedro fez, também, referências ao fenômeno dos cortes. Pela sua informação o fenômeno acompanhava a família do Sr. Marcos, mais particularmente a D. Noêmia. Referindo-se ao episódio da queda de pedras, o Sr. Pedro declarou: — *"Já haviam ocorrido os cortes. Depois desse apedrejamento, houve mais corte acompanhando a família, o casal. Quando eles se ausentaram daqui e foram passar uns dias lá em nossa casa, em Guaianazes, então os cortes iniciaram-se novamente, por algumas vezes."*

IBPP — Cortou o que?

Pedro — *"Cortou roupas, a minha nora, e cortou ele (Marcos) também por várias vezes. Na nossa ausência, aqui mesmo, nós em Guaianazes e eles aqui, foram cortados várias vezes, aqueles cortes rasos, onde o sangue apenas minava um pouco. Mas depois ela foi para Guaianazes e foi cortada ali perto da estação de Guaianazes, mais ou menos às 19 horas e 30 minutos da noite. Chegou no trabalho à noite, na Igreja, com o rosto esvaindo-se em sangue. Esses cortes foram mais fundos. Foram constatados entre os evangélicos. Não quisemos chamar reportagem. Quisemos tirar o caso por menos, mas houve grandes acontecimentos admiráveis como esse. E ele mesmo, (Marcos) várias vezes foi arranhado. Não ficou assinalado..."*

Em Guarulhos, na fase dos cortes, começaram a ocorrer outras espécies de fenômeno, mais comuns nas ocorrências de Poltergeist.

2.6 - TEM INÍCIO OUTROS FENÔMENOS

O Sr. Marcos e a esposa já se encontravam no limite de sua resistência. Sua sustentação era apenas apoiada na fé religiosa, de onde ainda conseguiam obter ânimo e solidariedade dos companheiros de crença.

Quando o fenômeno dos cortes estava ainda em atividade, após algum tempo começaram a ocorrer movimen-

tos de objetos e desaparecimento de dinheiro. Nesta ocasião, o Sr. Pedro havia-se mudado com a família para Guai-anazes. O Sr. Marcos continuava, ainda, ocupando a parte da frente. A casa dos fundos ficou vazia, até que o Sr. Marcos vendeu as casas e saiu definitivamente do imóvel. Mas, nesse ínterim deram-se mais eventos que levaram o Sr. Marcos ao desespero. Eis um trecho do seu extenso depoimento:

IBPP — Isso acontecia nesta casa?

Marcos — "Não; naquela primeira casa da frente. Continuou assim. Aí começou a quebrar coisas também: copo, xícara..."

IBPP — Como quebravam?

Marcos — "Escutava-se a batida na parede... Batia na parede e só se viam os cacos no meio da casa! Só assim. Eu fui ficando amedrontado... Me sumia dinheiro. Começou a me sumir dinheiro."

IBPP — Na casa do Sr. Pedro também aconteceu sumir dinheiro, não?

Marcos — "Sim. Na minha casa foi pior. Inclusive até eu tenho dinheiro perdido. Era de Cr\$20,00, Cr\$30,00, deixava dentro do documento, deixava dinheiro para minha esposa comprar alguma mistura e quando ia procurar não tinha. E na última vez me sumiram Cr\$145,00. Ficou três dias desaparecido. Após os três dias voltou o dinheiro; apareceu sobre a cama; escutei uma batida, olhei em cima da cama e vi o bolinho de dinheiro que sumira há três dias. Continuou assim quebrando as coisas..."

O Sr. Marcos prosseguiu relatando uma enorme série de ocorrências semelhantes. Dinheiro sumia e depois reaparecia nos lugares mais difíceis de encontrar-se, sob o colchão, debaixo do guarda-roupa, sob a cama, e assim por diante. Algumas vezes, o dinheiro sumia definitivamente. Finalmente, embora após um exorcismo houvesse ocorrido um período de tranquilidade, ele resolveu sair daquela casa:

Marcos — "Eu fiquei muito amedrontado, e terminei vendendo a casa. Desfiz, vendi a casa com prejuízo, mudei para a casa do meu sogro e... lá continuou a mesma coisa. Continuou cortando minha esposa, quebrando as coisas..."

2.7 - NA CASA DOS SOGROS — PARAPIROGENIA

Em meados de 1974 o Sr. Marcos, a esposa e uma filhinha mudaram-se para a casa dos pais de D. Noêmia, residentes em Artur Alvim. D. Noêmia achava-se grávida e esperava dar à luz, dentro de pouco tempo. A estadia da família era provisória. Iriam aguardar o nascimento da criança, para depois instalar-se em outra casa.

Perguntamos a respeito das ocorrências em Artur Alvim. O Sr. Marcos e a família ficaram cerca de dois meses na casa dos sogros. Durante todo esse tempo os fenômenos continuaram. Entretanto, os eventos se davam mais frequentemente no período da tarde, aproximadamente das 16 horas em diante. O Sr. Marcos observou que, quando ele ainda residia na primeira casa em Guarulhos, as quedas de pedra ocorriam um pouco antes do meio-dia, mais ou menos às 11 horas, mas os cortes eram de madrugada ou à tarde. Quando levantavam, D. Noêmia já apresentava os cortes.

Em Artur Alvim, portanto, as coisas não melhoraram, o problema continuou o mesmo:

IBPP — E ela (D. Noêmia) era cortada lá também?

Marcos — "Sim. Em todo o lugar onde nós estávamos, era assim."

IBPP — E os objetos sofriam movimento?

Marcos — "Sim. Xícaras e copos eram quebrados. Lá tem parede que até hoje tem a marca de um copo que foi quebrado lá num canto. A marca está lá na parede. Inclusive lá foi um pouco pior, porque lá pegou fogo atrás do guarda-comida!"

Foi este o primeiro evento de *parapirogenia* ocorrido durante o Poltergeist em questão. Na ocasião o Sr. Marcos não se achava presente. Foi seu sogro quem acendeu e extinguiu o fogo.

Em Artur Alvim continuaram também os sumiços de dinheiro. Numa dessas ocorrências o dinheiro reapareceu. Algumas vezes a devolução do dinheiro era feita de maneira ostensiva. O dinheiro era atirado no chão ou sobre algum móvel, à vista de todos, mas não se via de onde e nem como surgia. No caso de Artur Alvim, sumiram Cr\$50,00. Mais tarde, na cozinha, achando-se ali a sogra, a esposa do Sr. Marcos e ele próprio, o dinheiro foi atirado no chão perto da pia. Estava dobrado várias vezes e embrulhado em um pedaço de papel vermelho em uma face e branco na outra.

2.8 - O RETORNO A GUARULHOS

Em agosto de 1974, cerca de dois meses após ter estagiado na casa dos sogros, o Sr. Marcos e a família saíram com a intenção de voltar para Guarulhos. Sua segunda filha já havia nascido em 3 de julho de 1974. Mas, antes, passaram uns dias na casa do Sr. Pedro, em Guaianazes, onde os fenômenos dos cortes continuaram. Roupas foram cortadas e D. Noêmia recebeu vários talhos no rosto quando se dirigia, à noite, para a Igreja.

O Sr. Marcos alugou uma pequena casa em Guarulhos, numa outra rua, onde ele e a família desfrutaram de tranquilidade durante uns quinze dias aproximadamente. Após esta curta trégua, o Sr. Marcos, surpreendido, encontrou debaixo da cama uns pratos que haviam sumido inexplicavelmente, quando ainda estava morando na primeira casa, a da frente, em Guarulhos mesmo. Parece que o caso dos pratos foi o sinal para o reinício dos fenômenos. Eis o que o Sr. Marcos declarou a este respeito:

Marcos — "Quando apareceram esses pratos aí, não tive mais sossego. Eu creio que voltou tudo nos pratos. A minha garotinha, justamente no dia dos pratos, às duas horas (madrugada) acordou em desespero, dizendo que estava

vendo bichos em cima do guarda-roupa, grudava com a gente, em desespero; ninguém conseguiu mais dormir naquela noite."

IBPP — Ela descreveu os bichos?

Marcos — "Ela só dizia bicho, às vezes dizia gato, que é um cachorro que eu tenho. Eu acredito que ela via cachorro, gato, alguma coisa assim. Estava em desespero e nós não dormimos mais. Passamos a noite com ela no colo. Depois desse problema, ela começou a ter ataques; de um a dois ataques por dia. Ficava toda roxa, sumia a voz, sumia tudo. Levamo-la ao médico, fizemos uma consulta. O médico tirou um electroencefalograma. Tirou e não acusou nada."

IBPP — Não era anomalia, nem enfermidade?

Marcos — "Não, não era nada."

IBPP — Em que hospital?

Marcos — "Aqui no Jaçanã, Casa Meternidade São Luiz Gonzaga."

IBPP — Ela tinha os ataques, e o médico achou que não havia uma razão mórbida para isso?

Marcos — "Não. O médico fez exames e não achou nada. Ela não tinha nada. Inclusive nós achamos que fosse..."

IBPP — Vermes?

Marcos — "Não é vermes... ataque epilético. Por isso nós levamos ela para ser examinada. Depois chegamos à conclusão de que não era nada disso. Aí eu comecei com o desassossego. Tenho sinais em casa depois de tudo isso, depois que eu mudei para cá. Eu tenho o estuque da minha casa furado. São sapatos que eram jogados pra cima; tem marca do sapato no estuque; tem um buraco assim no estuque. A gente dentro de casa, às vezes estava deitado, com a televisão ligada, e quando pensava que não, subia o chinelo, batia no estuque e caía em cima da cama! Eu tirava o chi-

nelo, jogava no chão. Em seguida, dez ou quinze minutos, subia um sapato, batia lá em cima, caía! Eu continuei com esse desassossego. E ela sempre sangrando! O problema é que os cortes eram quase diários. Quase todos os dias sangrava o rosto dela."

O Sr. Marcos é encanador e, às vezes, tomava a empreitada de fazer um serviço grande em construção de casas. Ele teve um serviço contratado em Taubaté, o qual iria durar cerca de um mês. Não podendo levar a família, não quis também deixar a esposa e as duas crianças sozinhas na sua casa, devido aos fenômenos que vinham ocorrendo. Assim, ele levou a mulher e as duas garotinhas para Suzano, a fim de ficarem com a família de seu concunhado que morava lá.

O Sr. Marcos trabalhou a primeira semana em Taubaté e, chegando o dia de sábado, ele foi ver a família em Suzano. Ao encontrar-se com a sua esposa, ela lhe informou que "as coisas não estavam nada bem." Ouçamos as próprias palavras do Sr. Marcos: — "Quando cheguei minha esposa falou que as coisas não estavam nada bem. Procurei saber o que estava ocorrendo, e era o mesmo problema: quebrando as coisas; algum bibelô, algum enfeite era tirado e jogado. Inclusive Bíblia, uma Bíblia foi jogada no chão. Eu esqueci de falar, mas eu tenho duas Bíblias em casa, totalmente cortadas. Tenho uma em casa, quase toda cortada. Tenho uma aqui e tenho uma em casa, totalmente cortadas!" Quando tomamos este depoimento do Sr. Marcos, nós nos encontrávamos na residência do Sr. Pedro, pai do Sr. Marcos.

Voltando novamente à questão da estadia da família Marcos em Suzano, vamos continuar relatando alguns episódios mais marcantes. Lá em Suzano houve também desaparecimento do dinheiro que o Sr. Marcos deixara com sua esposa para atender às suas despesas pessoais. O dinheiro sumiu, mas tornou a aparecer debaixo da cama. Finalmente, numa noite em que o concunhado do Sr. Marcos se ausentara de casa, os fenômenos puseram as senhoras e as crianças em pânico. A situação tornou-se insustentável. O Sr. Marcos não teve outra alternativa, levou a família de volta para Guarulhos. Uma vez em sua casa, os fenômenos começaram de novo.

O Sr. Marcos tinha que voltar a Taubaté, a fim de cumprir seu contrato de trabalho. Desesperado com a situação, o Sr. Marcos juntou a mulher e as filhas e dirigiu-se à Igreja e pediu auxílio aos maiores da confraria, levando-os à sua casa, com o Sr. Pedro e mais alguns parentes que ele arrebanhou também. Fizeram um culto evangélico na própria casa do Sr. Marcos. Com esse trabalho houve uma nova trégua, pois os fenômenos cessaram. Nesse mesmo dia em que fizeram o trabalho evangélico, reapareceram Cr\$145,00 que haviam desaparecido há três dias. O Sr. Marcos disse que ele ouviu um ruído, olhou e viu o dinheiro que caiu sobre a cama.

Perguntamos ao Sr. Marcos como era feito o trabalho evangélico:

Marcos — "É evangélico, orações pedindo a Deus que expulsasse essas hordas, a libertação do problema. Um trabalho evangélico, com súplicas, pregações e expulsão do problema. Se fosse coisa maligna, que Deus repreendesse e levasse, para que não voltasse mais a afetar a família. E graças a Deus, foi o último dia."

IBPP — O Sr. Pedro nunca tomou parte nesses trabalhos de exorcismo?

Marcos — "Na outra casa (a primeira) ele fez o trabalho evangélico. Foi no último dia."

IBPP — E deu resultado?

Marcos — "Sim, porque na casa dele não voltou mais desde aquela vez."

IBPP — Foi ele mesmo quem dirigiu o trabalho?

Marcos — "Sim. Um trabalho evangélico, juntamente com um grupo de pessoas da Igreja... Papai tem prática disso, pois é evangélico... Meu pai tem dom para essas coisas."

Perguntamos, então a respeito do que se havia passado na primeira casa, na parte da frente que fora ocupada pelo Sr. Marcos e sua família. Inquirimos sobre a atuação do Sr. Pedro naquela ocasião. Então o Sr. Marcos nos esclareceu, dizendo que naquela ocasião o Sr. Pedro havia mudado para Guaianazes. Mas, quando a situação na primeira casa se tornou muito grave, o Sr. Pedro foi até Guarulhos e fez um trabalho de exorcismo que acabou com as manifestações na casa do Sr. Marcos:

Marcos — *"Sim. Ele mudou e eu fiquei só. Quando ele veio um dia, eu cheguei e encontrei-o em casa, e ele fez um trabalho. Nesse trabalho foi expulso também. Desde essa época, naquela casa, a primeira, sanou o problema. Foi quando eu fechei a casa e fui para a casa do meu sogro. Continuou lá, mas, na primeira casa, cessou para sempre, até a venda da casa."*

IBPP — Durante quanto tempo o senhor ainda ficou lá?

Marcos — *"Dois meses, mais ou menos."*

IBPP — Com sua família?

Marcos — *"Sim. Aí não aconteceu mais nada."*

IBPP — E depois que o senhor se transferiu para a casa de seu sogro?

Marcos — *"Aí, quando eu fui para a casa do meu sogro, continuou."*

Procuramos saber do Sr. Marcos se o Sr. Pedro houvera tomado parte nos trabalhos de exorcismo na segunda casa, em Guarulhos, então ocupada pela família do Sr. Marcos. Ele nos esclareceu que, no começo, não solicitara de seu pai tal trabalho, porque, logo no início teve a ajuda de muitas pessoas da "Igreja Assembléia de Deus" que vieram acudi-lo. Entretanto, não tivera êxito, nada resolveram. Disse-nos o Sr. Marcos que, nos trabalhos que resolveram o problema, o Sr. Pedro sempre tomou parte, em conjunto com missionários, "pregadores e especialistas nesses casos de expelir demônios, curas divinas, etc."

IBPP — Quanto tempo faz que o senhor está em tranquilidade?

Marcos — *"De outubro para cá, graças a Deus, não houve mais nada. De outubro de 1974 para cá."*

Esta entrevista estava sendo feita no dia 10 de fevereiro de 1975, portanto, cerca de quatro a cinco meses após a aparente extinção do fenômeno.

No dia 15 de fevereiro de 1975, visitamos o Sr. Pedro e dele colhemos informações complementares acerca de fatos que ocorreram nesta fase dos fenômenos, e que não haviam sido mencionados. Entre eles há o espantoso e incrível relato acerca do exorcismo feito pelo Sr. Pedro e durante o qual ele entrou em luta com o "monstro". Este evento deixaremos para um capítulo especial a respeito do qual trataremos à parte.

Em 15 de fevereiro de 1975 tornamos a entrevistar o Sr. Marcos, a D. Noêmia e o Sr. Pedro e obtivemos também mais informações importantes. Passemos aos fatos.

2.9 - COMBUSTÃO PARANORMAL ESPONTÂNEA (PARAPIROGENIA)

Quando o Sr. Marcos mudou-se da primeira casa onde se deram os primeiros fenômenos, ele deixou guardados em um pequeno quarto um criado-mudo, algumas ferramentas de encanador e várias peças de plástico, pedaços de tubo, conexões, etc. Inexplicavelmente, surgiu um fogo que destruiu todo o material combustível guardado no referido quartinho, inclusive o criado-mudo que lá estava e pertencia ao Sr. Marcos. Havia novos moradores na casa, e eles só perceberam o fogo quando o material já tinha sido destruído! Nada mais foi atingido pelo fogo; queimou apenas o que pertencia ao Sr. Marcos.

A respeito deste caso, deu-se um fato estranho e muito interessante. Nessa ocasião o Sr. Pedro estava residindo em Guaianazes e não fora mais a Guarulhos desde que exorcizara a referida casa do Sr. Marcos. Em Guai

anazes havia u'a moça pertencente à Igreja Pentecostal deste lugar. A moça em questão, segundo o Sr. Pedro nos informou, era clarividente, e ela fez referência ao *criado-mudo*, dizendo que dentro dele havia um "elemento mau". Ouçamos o Sr. Pedro, acerca desse episódio:

Pedro — "Apenas o que pertencia a ele, e estava lá para retirar, foi incendiado. Havia um criado-mudo... Eu estava em Guaianazes e tinha lá uma moça de visão. Ela viu e disse que dentro daquele criado-mudo estava um elemento mau, dentro do criado-mudo. Ela avisou-me. Nesse intervalo, eu não vim aqui. E nesse mesmo tempo se deu o incêndio! Eu perguntei a ele (Marcos) se ele tinha bulido no criado, e ele disse que não."

2.10 - AS BÍBLIAS SÃO CORTADAS

Durante esta nossa entrevista, foram-nos exibidas duas Bíblias danificadas pelo estranho ser incorpóreo. A capa estava intacta, porém as páginas de dentro apresentavam cortes em cruz, finíssimos e profundos. Pela profundidade e finura dos talhos, verifica-se que dificilmente um instrumento cortante comum conseguiria efetuá-los normalmente. O Sr. Pedro cedeu-nos uma das Bíblias, a qual agora faz parte da nossa modesta coleção de objetos colhidos nos inúmeros casos de Poltergeist por nós investigados.

O Sr. Pedro atribuíra, como causa dessa danificação das Bíblias, o fato de se utilizarem do Salmo 91, por ser uma "oração poderosa no combate a esses tipos de perturbação":

Pedro — "Porque nos dias das lutas, nós abríamos a Bíblia no Salmo 91; porque o Salmo 91 nós temos como uma oração poderosa, é um Salmo que revela um grande poder de Deus. Então nós sabíamos que o adversário iria temer. Ele, irado então, pegava a Bíblia, tirava do lugar e jogava distante; quando íamos olhar, encontrávamos cortada como se vê aqui no momento. E realmente foi estragada a Bíblia do meu filho também."

IBPP — A do Sr. Marcos também sofreu a mesma coisa?

Pedro — "Sim. Ele tem outras também cortadas."

Em outro caso de Poltergeist que ocorreu na Estrada de São Miguel, em São Paulo, no ano de 1976, tivemos a oportunidade de observar fato semelhante. Os habitantes da casa infestada eram também pertencentes a uma seita evangélica. Devido a isso, lançavam mão de orações, visando a conjurar o fenômeno que os apavorava. Liam preferencialmente o referido Salmo 91. Durante as ocorrências tiveram sua Bíblia atingida pela ação do Poltergeist, o qual arrancou e fez desaparecer justamente a página onde havia o Salmo 91!

No caso que ora relatamos, o Salmo 91 foi visado pelo estranho agente, conforme afirmou o Sr. Pedro ao referir-se à danificação das Bíblias.

Pelo exposto, pode deduzir-se que o fenômeno parece ser dirigido por uma inteligência, a qual manifesta seletividade e intencionalidade em suas ações. Sugere, também, que determinadas práticas religiosas como as orações, as imprecações, os rituais de exorcismo, etc., podem influir sobre alguns fenômenos de Poltergeist.

2.11 - MAIS OUTRA CRIANÇA CORTADA

Por ocasião da nossa visita à casa do Sr. Marcos, dia 15 de fevereiro de 1975, às 17 horas e 50 minutos, tivemos a oportunidade de entrevistar o Sr. Brasília no dos Santos, cujo filho Anderson, de um ano e sete meses, foi golpeado na coxa pela temível entidade, que ainda se manifestava na segunda casa ora ocupada pelo Sr. Marcos em Guarulhos.

O Sr. Brasiliiano foi testemunha de alguns fatos que ocorreram na primeira casa habitada antes pelo Sr. Marcos. No momento em que seu filho Anderson foi atingido na coxa, estavam presentes apenas a sua esposa, D. Aurinda, e D. Noêmia, mulher do Sr. Marcos. Desse modo o Sr. Brasi

liano não chegou a presenciar o fato.

Nessa ocasião, D. Aurinda fora passar o dia com D. Noêmia. A tarde, como de costume, foram ao quarto de dormir, a fim de fazerem uma prece no momento da despedida de D. Aurinda.

IBPP — Que horas eram?

Noêmia — *"Seis horas da tarde."*

IBPP — De que dia?

Noêmia — *"O dia eu não me lembro. Era uma quinta-feira."*

IBPP — De que mês?

Noêmia — *"Acho que foi nos fins do mês de outubro de 1974. Quando fechamos os olhos para orar, o menino que estava em cima da cama junto com ela deu um grito. Quando abrimos os olhos, a perninha estava cortada e correndo sangue. Procuramos ver se era de alguma gilete, mas não havia nada perto."*

IBPP — Foi nesta casa?

Noêmia — *"Sim."*

IBPP — Onde estavam vocês orando?

Noêmia — *"Ali no quarto; ela deste lado e eu do outro."*

IBPP — A criança estava onde?

Noêmia — *"No meio da cama, perto dela. Aí a criança deu um grito e quando olhamos, o sangue estava correndo; aquele corte fundo..."*

IBPP — Como era o corte? De que comprimento?

Noêmia — *"Uns cinco centímetros mais ou menos. Ficou fundo... aquela carne para fora! Procuramos gilete, tudo. Não tinha nada! Aí nós ficamos quietas. Fizemos cu-*

rativo no menino. Numa semana sarou o corte, mas ficou a cicatriz."

* * *

Relembramos aqui que na oportunidade desta entrevista — dia 15 de fevereiro de 1975 — reinava paz no lar do Sr. Marcos, desde o dia 25 de outubro de 1974. Naquele dia ele convocara missionários de sua seita, os quais juntamente com o Sr. Pedro foram à sua casa e fizeram os trabalhos de exorcismo. Marcos citou nominalmente três pregadores de sua Igreja, considerados especialistas em exorcismo e que foram à sua casa: Atílio, Vicente e Deus do Lar (?), este com um trabalho em andamento na época em Vila Sabina. Um dos dois outros estava com um trabalho em Belo Horizonte.

Despedimo-nos do Sr. Marcos e das demais pessoas, mas ficamos de voltar.

Qualquer coisa nos dizia que aquilo não passava de uma trégua.

3 - FATOS OCORRIDOS DE MARÇO DE 1975 ATÉ ABRIL DE 1975

3.1 - NOSSA QUINTA VISITA

Dia 26 de abril de 1975, retornamos a Guarulhos para outra visita à família do Sr. Marcos. Esperávamos encontrá-los ainda em paz, pois haviam-se passado apenas dois meses desde que lá estivéramos pela última vez. Infelizmente os fenômenos tinham recomeçado no dia 28 de março de 1975, sexta-feira da Paixão. Desta vez, até a data desta nossa visita, não se assinalaram os temíveis fenômenos de cortes nas pessoas ou objetos. As ações do Poltergeist limitaram-se a sumiços de dinheiro, movimentação e quebra de objetos, lançamentos de pedras e tijolos, etc.

3.2 - O REINÍCIO DOS FENÔMENOS

Dia 28 de março de 1975, sexta-feira da Paixão, uma garota de catorze anos, chamada Elza, que cuidava da filha menor de D. Noêmia, achava-se no quarto, pegando a menina para a mãe. Neste exato momento, uma bolsinha porta-níquel saiu do interior de uma gaveta fechada da penteadeira e foi bater nas costas de Elza:

IBPP — Você foi pegar o nenê no berço?

Elza — "Sim."

IBPP — Onde estava guardado o porta-níquel?

Elza — "Dentro da gaveta da penteadeira."

IBPP — A gaveta estava aberta?

Elza — "Não; fechada."

IBPP — Saiu e bateu nas suas costas?

Elza — "É; bateu nas minhas costas. Jogou pedrinha ali naquele móvel. Pegou nas minhas costas."

IBPP — Você lembra de mais alguma coisa?

Elza — "Na sexta-feira mesmo, eu estava passando roupa aqui e jogou outra pedra."

As pessoas presentes investigaram cuidadosamente a possibilidade de serem as pedras atiradas por algum menino ou mesmo adulto, mas verificaram, com segurança, que esta hipótese não tinha fundamento.

Nesta mesma sexta-feira da Paixão, reuniram-se na residência do Sr. Marcos (segunda casa) ele próprio, D. Noêmia e D. Maria, esposa do Pastor Lamartine Ribeiro, para fazerem uma oração em conjunto. Deviam ser umas quinze horas mais ou menos. Colocaram-se em círculo. No chão da cozinha encontrava-se uma bacia perto do filtro de água. No interior da bacia havia copos e xícaras usados e

que iriam ser lavados. No momento da oração, um copo saiu espontaneamente daquela bacia e veio espatifar-se no chão, próximo aos pés de D. Maria, que estava orando com os demais. Não havia ninguém além deles no local, que pudesse ter sido o autor do fenômeno. Nesse dia as crianças do Pastor tinham ficado em casa. A filha mais velha do Sr. Marcos achava-se no colo de D. Noêmia, e a menorzinha permanecia dormindo no berço.

Quando o Pastor Lamartine e sua esposa, D. Maria, saíram, deu-se mais outro fenômeno: uma Bíblia que se encontrava sobre uma mesinha, juntamente com outros livros, deu um salto e caiu no chão. Naquele dia foram apenadas esses os fatos ocorridos.

3.3 - O EPISÓDIO DA BOLSA DE DOCUMENTOS

O Sr. Marcos possui uma pequena bolsa onde ele carrega seus documentos pessoais. Dia 11 de abril de 1975, numa sexta-feira pela manhã, ele notou falta de dinheiro que havia sumido. Aborrecido por este fato, o Sr. Marcos procurou pela sua bolsa de documentos e não a encontrou também. Enquanto davam buscas pela casa, D. Noêmia chamou-lhe a atenção para sua bolsa que, inexplicavelmente, se encontrava dependurada na lâmpada fixa no teto. O Sr. Marcos contou que teve dificuldades em alcançar e retirar a bolsa de documentos, tendo sido necessário empilhar duas cadeiras para ele subir e apanhar o objeto.

3.4 - DINHEIRO DESAPARECE E REAPARECE

Foram inúmeros os desaparecimentos de dinheiro sofridos pelo Sr. Marcos. Algumas vezes o sumiço era definitivo, fato este que muito o molestava, pois ganhava relativamente pouco e com grandes sacrifícios. Em outras ocasiões, o dinheiro subtraído pelo Poltergeist reaparecia de maneira imprevista e de forma incomum.

Dia 21 de abril de 1975, o Sr. Marcos foi fazer um serviço na casa de seu concunhado. Ao sair entre-

gou certa importância a D. Noêmia, para ela fazer compras e guardar o troco até o seu regresso. Feitas as compras, restaram Cr\$32,00 que ela colocou dentro de um livro. Ao regressar, D. Noêmia prestou-lhe contas da compra feita e, quando foram verificar, os Cr\$32,00 haviam sumido de dentro do livro! Embora amolado, o Sr. Marcos se conformou com o fato.

Naquele mesmo dia, à tarde, surgiram três moças que faziam parte da Igreja. O Sr. Marcos era membro da Diáconia da Igreja, e elas vieram tratar de assuntos referentes à Mocidade da qual ele é conselheiro. Enquanto estavam conversando, D. Noêmia encontrava-se no banheiro, tomando banho. Naquele momento ouviu-se um ruído de queda de um objeto, no chão. Eis como o Sr. Marcos descreveu o ocorrido: — *"Aqui na porta da entrada do quarto. Quando ouvi aquela batida, olhei para trás e vi o bolo de dinheiro no chão e falei para as meninas: 'Olha, antes que eu pegue...' Então elas notaram e perguntaram o que caíra ali. Eu chamei-as para ver o que caíra. Elas vieram olhar e eu disse: 'Dinheiro que elas vêm trazer...' A Noêmia estava no banheiro e eu chamei-a para vir ver. Ela disse que não podia naquela hora e eu disse para vir ver, que eu queria que ela viesse ver. Ela veio e viu o dinheiro no chão."*

Emocionado, o Sr. Marcos resolveu fazer uma oração de agradecimento, em conjunto, pelo reaparecimento do dinheiro. Pediu a uma das jovens que proferisse a prece. Enquanto a oração estava sendo pronunciada, uma xícara saiu de dentro de uma caixa fechada, que se encontrava guardada no interior do guarda-roupa, e veio espatifar-se no chão.

Era comum ocorrer a quebra de copos e xícaras, os quais saíam de dentro de armários fechados. Mas ninguém conseguia ver a trajetória dos objetos retirados e danificados. Apenas se escutava o ruído quando caíam e se espatifavam. Durante as orações eram comuns tais ocorrências.

No domingo dia 20 de abril de 1975, portanto no dia anterior, a família de D. Noêmia tinha ido visitá-la.

Eram quatro pessoas. Sentaram-se todos no quarto do casal, juntamente com o Sr. Marcos, três senhoras em um sofá, de costas para uma janela, e dois senhores, cada um em uma cama, de frente para a janela. Subitamente, surgiu uma xícara que atravessou a janela, bateu numa das camas, saltou de baixo do rádio e espatifou-se no chão. Havia cinco xícaras sobre a mesa da copa, mas após o incidente, foram encontradas apenas quatro.

3.5 - QUEDA DE PEDRAS

No dia 11 de abril de 1975, quando ocorreu o episódio da bolsa de documentos (item 3.3), caíram muitas pedras e pedaços de tijolo sobre a casa do Sr. Marcos, o qual contou cerca de vinte e seis desses fragmentos. A queda de pedras e tijolos começou aproximadamente às 11 horas da manhã. Um fato curioso era o da coincidência entre o funcionamento de uma pedreira distante dali e a queda dos tijolos. Parece que os estrondos das dinamites estimulavam o Poltergeist. Observamos fato semelhante em outro caso de Poltergeist ocorrido nas fronteiras do Paraguai com o Brasil. Os fenômenos de movimento de objetos intensificavam-se quando era acionado o motor de um "jipão" Toyota, o que provocava forte ruído e conseqüente ativação do Poltergeist. O Sr. Marcos notou a coincidência dos estampidos da pedreira com a intensificação do fenômeno:

Marcos — *"É porque tem uma pedreira aqui do outro lado, mas é longe. Não é pedra que vem de lá, não. Geralmente é no horário. Não sei por que, coincide com o barulho."*

IBPP — Neste horário em que caíram os tijolos, o senhor estava aqui?

Marcos — *"Sim, estava dentro de casa. Inclusive caíram tão forte aqui, que eu peguei a garotinha, corri pra ali, porque ali é laje firme. Foi uma pancada tão grande que eu fiquei com medo de transpassar o telhado. Então eu peguei a menina e fiquei lá. Foram umas cinco ou seis tijoladas. De pois caíram, rolaram, caíram do lado da vizinha uns dois ou três tijolos. A vizinha falou que era garoto que estava*

jogando, e como eu já sabia o que era, disse: 'Não D. Antônia, não é garoto não...' Ela perguntou o que eu achava que era, mas eu não quis dialogar com ela o que era, mas fiz ela chegar à conclusão de que não era garoto que estava jogando os tijolos."

Este comportamento do Sr. Marcos, no tocante a não desejar polemizar com sua vizinha acerca da origem das quedas de tijolos sobre os telhados das casas, fundamenta-se no fato de a Sra. Antônia ser católica. Ele era conhecido como pertencente a uma minoria religiosa não-católica. Sabendo do problema da discriminação e intolerância religiosa comuns nestas situações, o Sr. Marcos procurou evitar entrar em detalhes sobre o ocorrido, pois poderia ser responsabilizado pelo fenômeno, como provocador do mesmo devido ao credo que professava.

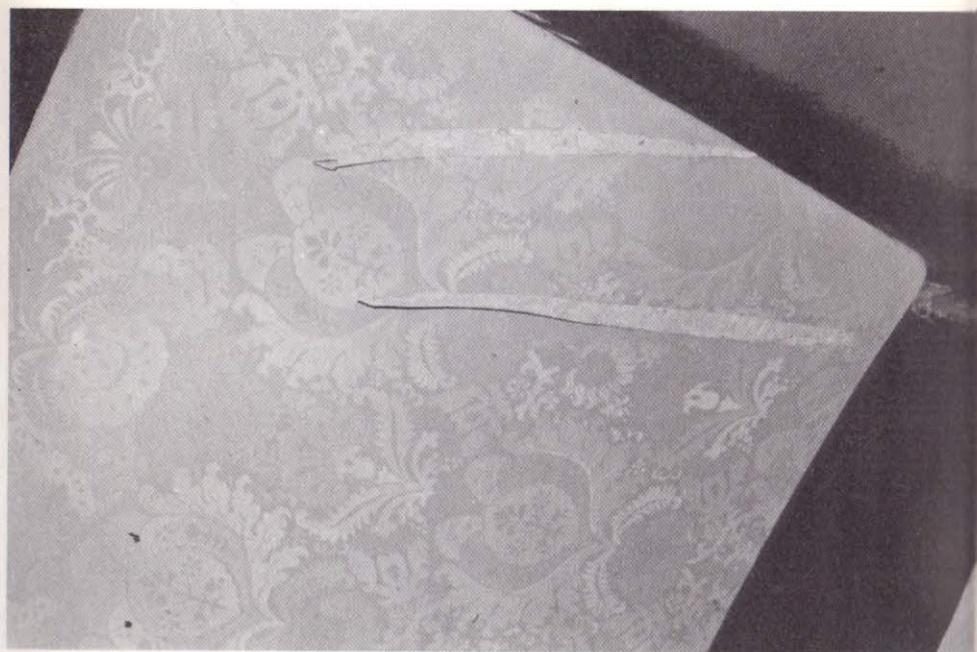
Notamos que, em seu conjunto, os fenômenos eram agora de menor agressividade, embora mantivessem o Sr. Marcos e sua família em uma espécie de "suspense". De todos os eventos, o que mais aborrecia o Sr. Marcos eram os constantes desaparecimentos de dinheiro. É certo que, em algumas ocasiões, o dinheiro reaparecera, mas houve casos em que o sumiço do dinheiro fora definitivo. Isto preocupava muito o Sr. Marcos, por ser pessoa de poucos recursos financeiros.

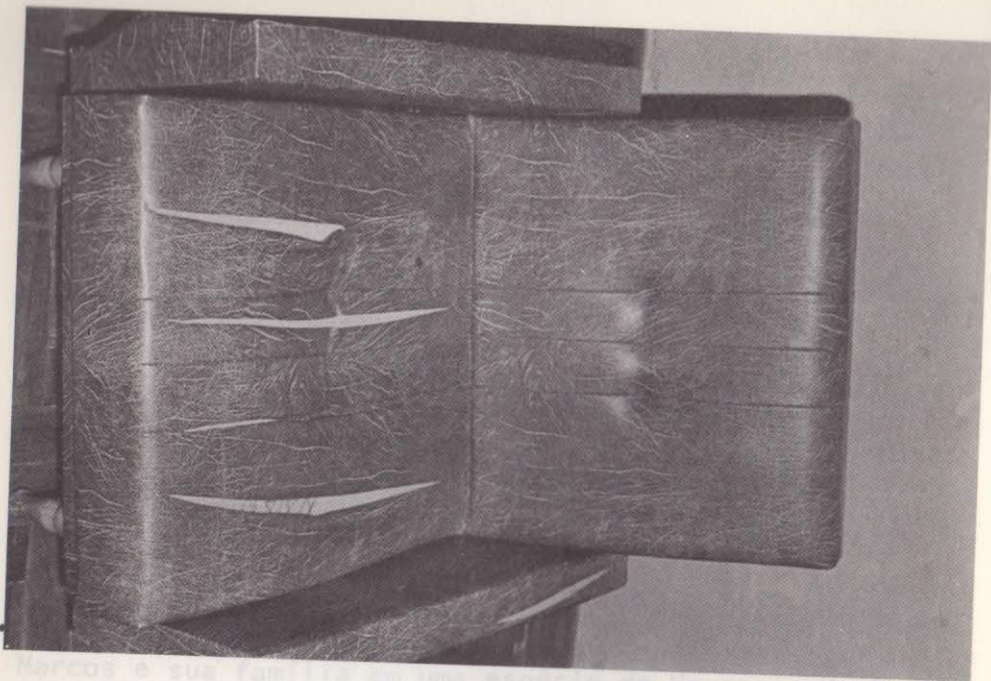
Nesta nossa visita, foram estes os principais acontecimentos que registramos. Despedimo-nos do Sr. Marcos e de seus familiares, com a promessa de que ainda iremos retornar.

4 - FATOS OCORRIDOS DE ABRIL DE 1975 ATÉ OUTUBRO DE 1976

4.1 - NOSSA SEXTA VISITA

Dia 16 de outubro de 1976 voltamos a visitar a família do Sr. Marcos. Dirigimo-nos ao seu último endereço, porém não os encontramos. Haviam-se mudado para uma terceira casa. Por isso procuramos o Sr. Pedro, que feliz





Marcos e sua família em uma espécie de "suspense". De todos os eventos, o que mais aborrecia o Sr. Marcos eram os constantes desaparecimentos de dinheiro. É certo que,

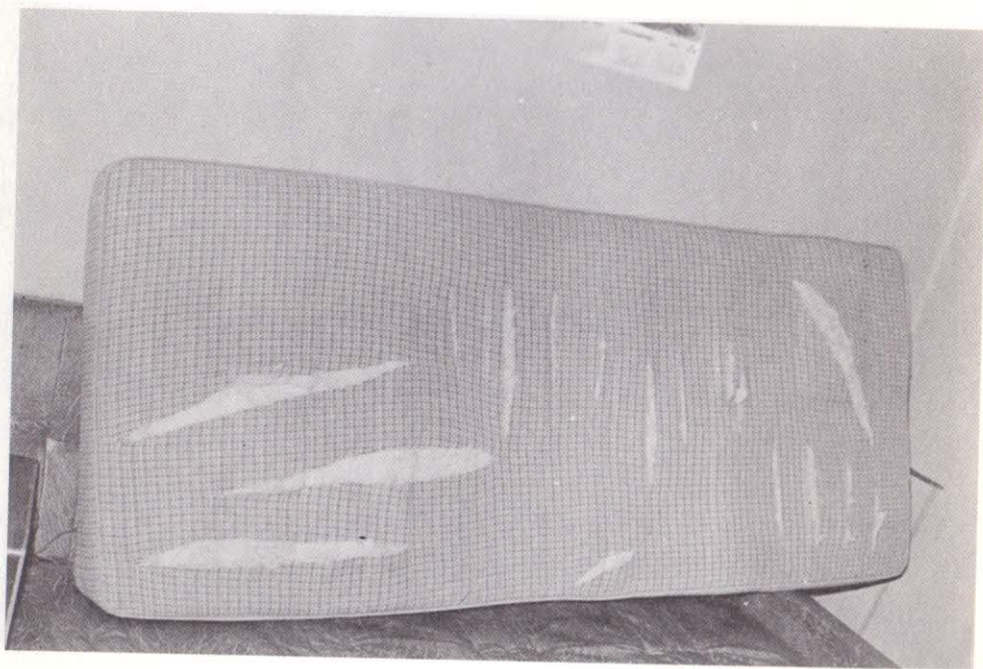
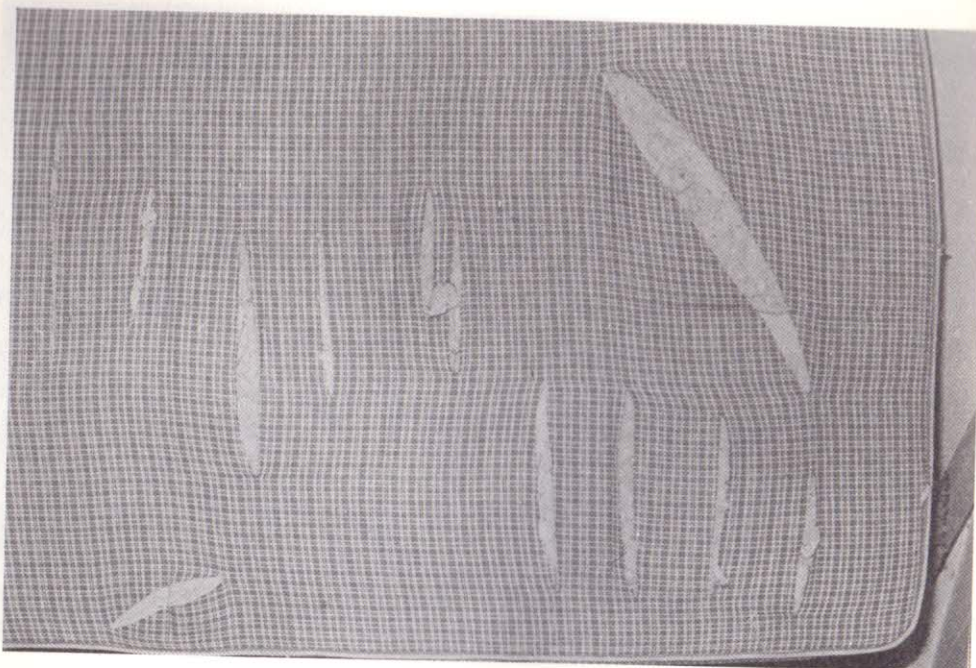


co, porém não os encorajamos; talvez se mudasse para a terceira casa. Por isso procuramos o Sr. Pedro, que feliz



que mudar de casa não iria resolver o problema do vintagelist. Teria de conviver com o fenômeno até descobrir um meio de liquidá-lo de uma vez.





mente ainda morava no seu antigo endereço. O Sr. Pedro e sua esposa não estavam em casa, no momento. Por sorte encontrava-se lá um de seus filhos, o Sr. Saul, o qual se prontificou a conduzir-nos até a casa do Sr. Marcos.

Surpreendemo-nos ao saber que os fenômenos ainda persistiam molestando o Sr. Marcos e seus familiares. Era uma autêntica e perversa perseguição daquele "agente maléfico" incorpóreo que insistia em perturbá-los, visando a levar ao desespero aquela pobre família.

Como de costume, fomos recebidos cordialmente pelo casal, Sr. Marcos e D. Noêmia. Logo de início, fomos informados que aquela nova casa era de propriedade do Sr. Marcos, e que ele próprio a construía ajudado pelo pai, Sr. Pedro. À nossa indagação de se ele pretendia fixar-se definitivamente ali, o Sr. Marcos respondeu: *"creio que sim, porque agora não adianta mais..."* Ele dava a entender, desse modo, que já estava convencido de que mudar de casa não iria resolver o problema do Poltergeist. Teria de conviver com o fenômeno até descobrir um meio de liquidá-lo de uma vez.

4.2 - OS FENÔMENOS CONTINUAM

O Sr. Marcos ocupou a casa em 30 de agosto de 1975.

Desde a nossa última visita, em 26 de abril de 1975, as ocorrências se repetiam praticamente as mesmas: sumiços de dinheiro, combustão paranormal espontânea, arremessos de pedras e de objetos caseiros, etc.

Perguntamos qual o fenômeno mais constante, depois dos desaparecimentos de dinheiro:

Marcos — *"Fogo. Bastante fogo atrás do guarda-roupa, onde tem jornal. Velas acesas têm sido achadas no canto do quarto."*

IBPP — Qual a cor da vela?

Marcos — *"Vela branca, as minhas mesmo, que eu guardo para usar quando falta energia elétrica."*

O Sr. Marcos informou-nos que, após mudar para a nova casa (a terceira), os fenômenos continuaram:

Marcos — *"O fogo demorou um pouco mais. O que vem causando do mais problemas para mim é dinheiro que some. Eu deixo o dinheiro da feira dentro de um livro, ou guardado, seja qualquer importância. Deixo dentro de um livro ou num lugar bem guardado, e quando vou procurar o dinheiro... Saio de manhã, deixo o dinheiro, e quando chego, não encontro. Aí continua... Eu tenho que dormir com o dinheiro no bolso; deixo o dinheiro guardado na casa da minha mãe, porque em casa não tem condições de deixar."*

O Sr. Marcos explicou que, estando no seu bolso, o dinheiro não sumia. Do mesmo modo, quando era deixado na casa de seus pais. Inquirido a respeito das ocorrências de parapirogenia, ele nos relatou o seguinte episódio:

Marcos — *"Tem uns quinze dias, mais ou menos um mês. Tem sinal lá atrás. Ainda tem um sinalzinho numa ferramenta que eu tenho guardada lá. É o lugar que a gente guarda jornal. Eu compro jornal e deixo guardado lá. Então o fogo pega no jornal. Quando eu chego lá, tenho que apagar. E justamente nesse dia do fogo, me sumiram Cr\$220,00. Eu estava de bermuda, tomando banho, e o dinheiro no bolso da bermuda. Quando eu entrei no quarto, a minha esposa viu e disse: 'Marcos, olha o fogo ali!' Eu joguei a bermuda na poltrona e fui apagar o fogo. Quando apaguei o fogo e vim pegar a bermuda para procurar o dinheiro, o dinheiro já tinha ido! Lá se foram os Cr\$220,00, a última importância..."*

4.3 - O AGENTE MALÉFICO ATACA AS CRIANÇAS

Prosseguindo nesta nossa entrevista, ficamos sabendo que as duas filhinhas do casal Ruth (4 anos) e Raquel (2 anos), também estavam sendo molestadas pelo estranho "agente maléfico"! Conforme nos declarou o Sr.

Marcos, a mais velha sofreu inexplicável atuação do Poltergeist:

Marcos — *"Essa menina por sinal, a Ruth, ela é atingida pelo fenômeno."*

IBPP — Como assim?

Marcos — *"Dá uma espécie de ataque nela e ela fica toda torta, toda defeituosa, e depois volta ao normal."*

IBPP — Sozinha?

Marcos — *"Sim, sem fazer nada."*

IBPP — E quando ela fica assim, ela fala alguma coisa?

Marcos — *"Não. Ela grita; ela diz que vê cachorro, gato. A Raquel (a mais nova), por exemplo, nesta semana aí, deu... Foi um problema para a gente conseguir acalmar a menina. Depois ela disse que havia visto cavalo."*

IBPP — Dentro de casa?

Marcos — *"Sim todas as duas. Essa foi por último."*

IBPP — Esses ataques coincidem com o fogo ou com algum outro tipo de fenômeno?

Marcos — *"Às vezes, quando põe fogo, então eu já sei que as coisas não andam boas. Então a gente fica dentro de casa, preocupado. Em seguida vêm os problemas. Inclusive, aqui já surgiu tijolada. Eu já levei duas tijoladas aqui dentro de casa. Pegou na perna. Mas quando pega, não dói. É uma banda de tijolo. Inclusive o tijolo está encostado aí. Mas quando bate na gente, não machuca. O tijolo vem de fora. Eu estava dentro do quarto ali, quando pensei que não, o mesmo tijolo que eu deixara aí fora recebi lá na perna."*

IBPP — O tijolo estava no quarto e lá fora...

Marcos — "Não; o tijolo estava fora. Eu recebi a tijolada, peguei o tijolo e deixei lá fora. O tijolo sumiu daí. Eu perguntei para a Noêmia se ela pegara o tijolo e jogara fora. Eu disse que deixara o tijolo ali naquele instante, e que não estava. Fiquei preocupado e disse a ela que era capaz dele ter pego o tijolo e jogá-lo novamente. Fiquei dentro de casa, esperando alguma coisa, encostado por aí. Aí entrei no quarto. Quando entrei no quarto, pelo lado da janela recebi a pancada do tijolo! Eu me apavoréi! Quando eu vi era o mesmo tijolo que eu deixara lá fora e havia sumido."

O Sr. Marcos explicou que esses fenômenos recomeçaram, após um período de tranquilidade de cerca de quatro meses, coincidindo com a chegada da jovem Elza que já estivera anteriormente com eles na segunda casa:

Marcos — "É, e justamente nesse dia a Elza (deve lembrar da Elzinha, aquela menina que trabalhava com a gente, lá na outra casa), ela estava aqui. Veio passar uns quinze dias aqui, e nesses quinze dias já tinha uns quatro meses, aproximadamente, que nada acontecia. Inclusive, quando a menina esteve aqui, o fenômeno voltou."

O Sr. Marcos, finalmente, pediu à Elza que retornasse para a casa dela, pois a influência da "entidade" passou a atingi-la também. À semelhança do que ocorrera com a pequena Ruth, Elza teve um ataque semelhante:

Marcos — "Deu problema com ela..."

IBPP — Que aconteceu com a Elza?

Marcos — "Ela ficava defeituosa, olhos fundos, rosto diferente..."

Ocorreu com a Elza o mesmo fenômeno que houvera acontecido com a pequena Ruth. O Sr. Marcos referiu-se ao caso de sua filha também, informando que ela continuava igualmente a ser vítima de semelhantes ataques. A nossa indagação de se Ruth manifestava algum sintoma, antes de sofrer a crise, D. Noêmia disse:

— "Ela fica caidinha. Inclusive na última vez que deu nela, o Marcos achou diferença nela, achou-a meio diferente. E quando ele saiu, ela começou a entortar a boca, os olhos, as mãos. Depois logo voltou."

IBPP — Parece epilepsia, não?

Noêmia — "É como se fosse, mas o médico disse que não; já fez exames. Não é epilepsia."

IBPP — Não soube diagnosticar?

Noêmia — "Não soube."

IBPP — Prescreveu algum tratamento?

Noêmia — "Passou calmante."

A esta altura o Sr. Marcos acrescentou:

— "O que acontece com as crianças é mais no período da manhã, madrugada. Sempre à noite ou de madrugada. Eu saí para o serviço depois de esperar um colega aqui. Eu saí na frente. Quando eu saí, beijei-a peguei nela e notei uma diferença. Estava meio tristonha. Saí preocupado. Quando cheguei no serviço, o meu amigo que trabalha comigo há via passado aqui e eu já tinha saído. Quando ele chegou no serviço, disse-me para ir embora que a Ruth estava toda torta e que minha esposa estava apavorada; que era para eu ir embora. Quando ele me disse isso, eu já sabia qual era o problema e disse para ele que eu não ia, pois não podia resolver o problema. Saí mais cedo e quando cheguei em casa, já estava tudo bem. É um sinal. Quando acontecem essas coisas eu já estou sabendo que volta tudo de novo. Em seguida vem fogo, dinheiro..."

Noêmia — "Inclusive, estamos com ela na casa da avó."

IBPP — E lá, não acontece nada?

Marcos — "Não, lá não tem problema algum."

IBPP — E a Raquel (a menorzinha), não tem acontecido na-

da com ela?

Marcos — "Pela primeira vez, a Raquel, há uns quinze dias atrás, se assustou. Tremia nos braços da gente. Aí, nós notamos. Na última vez ela estava dormindo aqui na poltrona, eram mais ou menos oito ou oito e meia da noite. Foi quando surgiram as tijoladas. Ela estava dormindo. Tínhamos chegado da casa de minha mãe. E, já desde o caminho, algo perseguia a gente. Eu tenho uma bolsinha, nós vínhamos da casa de minha mãe. Havíamos saído e quando estávamos no caminho notamos que algo nos acompanhava. Puxou a sacola da mão dela (Noêmia) e derrubou a sacola no chão. Então eu peguei a criança e Noêmia veio segurando no meu braço. Mas notamos que algo nos acompanhava! Quando chegamos aqui na esquina, perto de casa, inclusive em frente a este centro aí, ela falou: 'Filho, espera um pouco'. Quando eu olhei ela tinha voltado uns cinco metros. A minha bolsinha que estava dentro da sacola fora jogada no esgoto. Aquela bolsinha ali; tirou da sacola e jogou no esgoto. Eu perguntei o que fora e ela disse para esperar um pouco e ir ver. Cheguei e estava a bolsa jogada lá. Tirou na hora e jogou. Aí, chegando em casa começaram as coisas... Na estrada, atirou tijolo. Nós pusemos a menina para deitar e ficamos por aqui, preocupados. Aí começou o problema! Mais tijoladas, mais tijoladas! Ficamos apavorados dentro de casa. A menina estava deitada na poltrona, e nós preocupados com ela. Ela dormia. Aí, ela deu um grito e ficou apavorada! Notamos que algo estranho ela havia notado. Pegamos ela e ela gritava! Não havia jeito de acalenta-la. Saímos com ela para fora, fui atrás de um amigo meu aí embaixo, pegamos um táxi, fomos numa Igreja Evangélica onde meu pai estava. De lá para cá acabaram os problemas. Faz uns quinze dias mais ou menos. Foi a última vez que nós fomos lá."

IBPP — Que fizeram eles? Preces?

Marcos — "Preces, um trabalho evangélico, religioso. Vieram aqui para ungir a casa. Porque na religião católica usa-se benzer, nós tratamos de ungir. A casa foi ungida e notaram algo. Pessoas que são videntes notaram algo, mas ao saírem disseram que podíamos ficar tranquilos que, dentro de casa, não tinha mais nada."

IBPP — Esse algo que eles notaram assemelha-se com a descrição das crianças ou é diferente?

Marcos — "Eles acharam que era um espírito mau, maligno."

IBPP — Mas essas pessoas que viram não disseram se era tipo de animal ou gente?

Noêmia — "Disseram que era do formato de um cavalo."

IBPP — E como é que ungem a casa? Como é o ritual?

Marcos — "A casa é ungida da mesma forma que com água benta. É um óleo preparado só para esse sentido, para enfermidade e para esses casos. É usado como água benta, dentro de casa, por todos os cantos, principalmente nos cantos da casa; a gente acha que talvez seja o lugar onde ele possa ficar. A casa é toda ungida, e pronto."

IBPP — Aqueles fenômenos dos cortes nunca mais apareceram?

Moisés — "Graças a Deus, não, já faz uns três anos. Inclusive nesses dias em que eles estiveram aqui, na saída deles, quando eles iam entrando no carro, receberam uma pedrada. Surgiu uma pedra violenta, bateu no carro e voltou. Chamei-os. Meu pai viu e outros viram. Disseram que ele ainda estava por aqui. Voltaram para completar o trabalho. Quando foram saindo, aí na frente de casa, ele jogou um copo. Um copo desses que eu tenho aqui. O copo inclusive bateu nas costas de uma das pessoas que estavam aqui. O copo bateu e caiu no chão; demoraram mais palestrando e foi a última vez."

4.4 - MAIS FENÔMENOS DE PARAPIROGENIA

Procuramos informar-nos sobre os casos de parapirogenia que sabíamos estarem ocorrendo ainda:

IBPP — O fogo pega em roupa ou foi só nos jornais?

Marcos — "Só jornal. E não é dentro do guarda-roupa, é fo

ra. Depois eu vou ter a oportunidade de mostrar. É um jornal que eu guardo para, às vezes, forrar a casa, fazer um embrulho. Eu deixo sobre umas ferramentas que tenho lá no canto. Geralmente a gente entra no quarto, chamam-me para ver, e quando chego lá, o fogo... Eu vou, apago o fogo. Estou sempre apagando fogo; constantemente."

Noêmia — "Já tem aparecido em roupas, inclusive na casa de minha mãe; o guarda-roupa fechadinho."

IBPP — O fogo ocorre várias vezes por dia, ou várias vezes durante a semana?

Marcos — "Às vezes demora meses. Eu acredito que quando ele está a fim de dar qualquer sinal, quando eu deixo um dinheiro fácil para ele levar, e demonstrar que está dentro de casa. Eu penso assim. Então ele vai agir com fogo. Ele põe fogo. Eu estou sabendo que é ele. Tenho que me ligar, fazer um trabalho espiritual. Isso ataca assim, começa a pôr fogo, quebrar coisas. Quando vem o fogo, eu já estou sabendo que as coisas não andam boas e começo a ficar mais preparado dentro de casa, mais coragem. Porque eu não tenho medo mesmo! Tã acontecendo, eu estou apagando, vou pra lá, vou pra cá (...)."

Em seguida o Sr. Marcos lembrou-se de outro episódio e passou a relatar-nos.

4.5 - O EPISÓDIO DA BOLSA DA ELZA

A Elza é aquela jovem que durante uns tempos morou com o casal, prestando-lhe serviços domésticos. Depois Elza começou a sofrer as influências estranhas que molestavam as duas filhinhas do Sr. Marcos; uma espécie de ataque acompanhado de contorsões e espasmos. Finalmente o Sr. Marcos se convencera de que Elza contribuía para o desencadeamento dos fenômenos e, a seu pedido, a Elza retornou a casa do irmão, que morava perto. Nos últimos dias da estadia de Elza, deu-se o desaparecimento de uma bolsa de sua propriedade. Eis como o Sr. Marcos relatou o fato:

Marcos — "(...) Eu queria acrescentar que a Elza, nestes últimos 15 dias em que ela esteve aqui em casa, ela tinha uma bolsa, do tipo daquela bolsa. Ela estava com Cr\$ 240,00 dentro dessa bolsa. A bolsa estava sobre o guarda-comida ali. Quando eu cheguei em casa, disseram que a bolsa da Elza havia sumido. Procuramos dentro de casa e eu disse: 'Mas a bolsa estava ali quando eu cheguei!' Responderam que havia sumido. Essa bolsa ficou sumida uma semana. Sumiu no domingo; ela (Elza) viajou para a casa da mãe dela no interior. Inclusive, depois disso, eu não quis mais que ela voltasse; falei que não dava certo com ela; que eu achava que o fenômeno tinha voltado por intermédio dela. Pedi que ela não levasse a mal, e que ficasse na casa do irmão, que mora aí perto. A bolsa sumiu, e eu disse que se a bolsa aparecesse com o dinheiro eu mandava para ela. Levava na casa do irmão dela e este lhe entregaria. Eu não acreditava que o dinheiro aparecesse. A bolsa talvez aparecesse, mas o dinheiro eu não acreditava. Foi dito e feito. Isso foi no domingo. Na segunda-feira, nós estávamos com um colega aqui, conversando a respeito da Elza. Quando ele foi saindo, mais ou menos às 20 horas e 30 minutos (noite), ele se despediu e quando foi entrando no carro, a minha esposa viu quando caiu a bolsa perto da rua, junto ao cavalete da entrada de água. Lá da porta, ela me chamou. Perguntei o que fora, e ela disse para eu ir ver. Cheguei lá e a bolsa estava no chão. Aí eu disse para ele: 'Olha Zé, eu não quero nem pegar'. Ele disse: 'Pode pegar'. Eu disse: 'Pega você. Pode ver que o dinheiro não está dentro'. Pois sumira com Cr\$240,00 dentro. O rapaz pegou a bolsa e abriu; estava a certidão dela, inclusive os cartões do INPS, meu e das meninas, mas o dinheiro até hoje não apareceu. Nós devolvemos a bolsa; o dinheiro ficou pra gente devolver quando voltar."

Após este caso, o Sr. Marcos relatou-nos um episódio verdadeiramente estranho e inexplicável. Ei-lo:

4.6 - A EXTRAÇÃO DO DENTE

O Sr. Marcos contou-nos que sua esposa, D. Noêmia, sonhara que fora extraído um dos seus dentes. De manhã ao acordar, após haver sonhado com a extração, verificou que estava lhe faltando um dos incisivos. D. Noêmia tem os dentes perfeitos, com a exceção de apenas um incisivo que se encontrava com uma pequena cárie. Mas o que fora extraído achava-se perfeito, sem nenhuma lesão, o dente cariado foi poupado. Solicitada a relatar-nos o fato, D. Noêmia assim descreveu o seu singular sonho:

Noêmia — *"Eu sonhei que mandaram meu esposo... Eu falava assim para o Marcos: 'Marcos, pega a linha branca (eu tenho uma linha forte com nylon) para extrair meu dente'. E quando acordei, estava sem o dente. Achei no outro dia, cedo, o dente. E o dente estava inteiro. Metade da raiz vermelha, bem vermelha, como se fosse forçado mesmo. Eu não senti dor nenhuma, senti uma falha assim, e a falta do dente."*

IBPP — Não sentiu como se alguém o estivesse tirando?

Noêmia — *"Não senti nada."*

IBPP — Quanto tempo faz que isso ocorreu?

Noêmia — *"Faz uns dois meses. Eu sonhei que eu pegara a linha, que eu pedia ao Marcos para pegar a linha para arrancar meu dente; no sonho. Quando amanheceu o dia, eu amanheci sem o dente."*

O Sr. Marcos disse que naquela noite não percebera nada, tendo dormido normalmente. Também não teve qualquer espécie de sonho que se relacionasse com o caso.

4.7 - A VISÃO DE UM VULTO

Após este relato acerca do dente extraído durante o sonho, a conversa derivou para outros aspectos da fenomenologia que investigávamos. Procurávamos saber do Sr.

Marcos e de D. Noêmia se eles tinham observado, em si próprios, alguma espécie de sensação ou pressentimento precedendo a manifestação desses fenômenos. Ambos confessaram que, de fato, sentiam arrepios relacionados com o surgimento das ocorrências, mas não eram específicos para cada espécie de acontecimento. Desse modo, os fatos eram imprevisíveis quanto à sua natureza.

D. Noêmia contou-nos que vira um vulto, por ocasião do arremesso de um tijolo:

Noêmia — *"Na última vez do tijolo, eu estava sentada no sofá e vi como um vulto. Passou da televisão para o quarto. Foi aí que eu chamei o Marcos para irmos para o quarto fazer a oração. Foi aí que ele recebeu a tijolada."*

IBPP — Que tipo de vulto era esse?

Noêmia — *"Não deu para ver o vulto, não deu para decifrar nada..."*

IBPP — Forma humana ou de animal?

Noêmia — *"Não deu para perceber. Vi só um vulto passando."*

Complementando as informações de D. Noêmia, o Sr. Marcos fez uma observação muito interessante:

Marcos — *"Eu queria dizer que quando as coisas acontecem assim, quanto mais a gente ora, quanto mais a gente procura expulsá-lo de dentro de casa, mais ele se manifesta! Esse ser fica nervoso, acho eu, não sei se a gente mexe com ele... Aí, ele começa a se soltar, quer quebrar as coisas. Eu já notei que quando acontece, a gente procura fazer um trabalho espiritual para ver se a fugenta ele, e parece-me que é pior, porque aí ele começa a jogar pedra, jogar as coisas... Vai embora quando a gente se reúne mesmo pra fazer isso. Ele se afasta, mas primeiro dá um 'showzinho'."*

Após mais considerações em torno das manifestações do Poltergeist, espontaneamente o Sr. Marcos fa-

lou-nos de suas suspeitas concernentes à origem dos fenômenos que vêm perturbando a paz de sua família.

4.8 - FEITIÇARIA?

D. Noêmia perguntou-nos se nós poderíamos dar uma explicação sobre o que estava acontecendo na casa deles. Nós apenas dissemos que se tratava de um Poltergeist bem caracterizado, e que as hipóteses acerca da causa de tais fenômenos são numerosas, mas nenhuma é totalmente satisfatória. Se fosse realmente conhecido o mecanismo desse fenômeno, os parapsicólogos saberiam como provocá-lo e como extingui-lo à vontade. Referimo-nos a dois outros casos que havíamos acabado de investigar, nos quais também ocorreram fenômenos de parapirogenia e que já haviam cessado suas atividades. Intervindo na conversa, o Sr. Marcos falou-nos que suspeitava estar sendo vítima de feitiçaria. Perguntamos por quê.

Marcos — "Eu não sei dizer bem. O que eu acho é pelas espécies de manifestação do ser aqui em casa. Eu acho que seja uma coisa mandada ou enterrada no quintal, ou um pó jogado em cima da casa, porque eu acredito que nós vamos chegar a uma conclusão aqui em casa. Nós vamos chegar a uma conclusão ainda. E se tiver, aí vai ser arrancado. E eu tenho fé que se estiver aqui nesta casa, e eu acredito que esteja, ou enterrado aí, ou jogado um pó, ou alguma coisa. Mas esse problema vai ser sanado".

IBPP — O senhor acha que há pessoas interessadas em prejudicá-lo por meio de feitiçaria?

Marcos — "Como eu estava dizendo, já vieram duas senhoras aqui, eu não as vi, vieram falar com minha esposa. Vieram, pela primeira vez, querendo entrar dentro de casa de qualquer jeito. Pediram para usar o mictório, pediram pra tomar água. Depois disseram que uma pessoa tinha enviado elas aqui, que a minha casa não estava bem e que elas vieram benzer a casa. Que mandaram elas benzerem. Minha esposa perguntou quem havia mandado e elas não citaram o nome. Então minha esposa disse que aqui nin-

quem ia benzer nada, que nós éramos evangélicos e esse tipo de trabalho nós não aceitávamos. Pedi licença e disse que tinha o que fazer. Então as pessoas saíram. Devem ter saído mal-satisfeitas, pois não foram bem recebidas. Elas disseram que voltariam. Aproximadamente após uns quinze dias, elas voltaram. Eu também não estava em casa."

A esta altura, D. Noêmia interveio e completou a informação:

Noêmia — "Dia 4 de outubro agora, inclusive a Ruth estava fazendo aniversário, o Marcos saiu para fazer um serviço na casa da mãe dele, e eu estava sozinha. Elas chegaram, uma preta e uma outra branca acompanhando-a. Ela (a preta) trouxe um pedaço de bolo embrulhado, na sacola, e disse: 'Bem, eu trouxe pra você e para as crianças'. Eu disse que não queria, mas ela insistiu que trouxera para mim e para as crianças comermos aquele pedaço de bolo. Eu não a conhecia, e disse que não, que muito obrigada. Ela queria beber água, entrar dentro de casa. O problema dela era entrar. Eu disse que não, que o meu banheiro não tinha porta. Dei uma desculpa assim para ela. Ela ficou meio cismada e foi embora, mas disse que voltaria."

D. Noêmia declarou, ainda, que as mulheres aparentavam uns trinta e cinco anos de idade e que não as conhecia de nenhum outro lugar, a não ser da primeira vez que lá apareceram. Elas vieram em um carro "Volks wagen", mas tiveram o cuidado de deixá-lo bem distante, de maneira a não ser possível avistar-se o número da chapa. Na primeira vez que lá estiveram, uma delas trazia uma sacola de plástico transparente. D. Noêmia afirmou que distinguira, no interior da sacola, velas e galhos de alecrim. Este fato deixou-a preocupada.

Lembramo-nos da questão das velas e perguntamos ao Sr. Marcos acerca deste evento. Ele logo nos esclareceu:

Marcos — "A vela aconteceu acho que três problemas num momento só. Primeiro surgiu fogo debaixo do rádio de ca-

beceira. Eu fui e apaguei o fogo. Viramos as costas e vimos aqui. Inclusive meu cunhado estava aqui. Estávamos assistindo TV, num domingo à tarde. Quando a Noêmia chegou aqui no quarto, chamou-me. Quando cheguei, vi a vela em pé."

D. Noêmia acrescentou que ela própria não teve a iniciativa nem de apanhar a vela, pois ficou muito perturbada no momento. O Sr. Marcos então prosseguiu:

Marcos — "Eu até disse algumas besteiras. Apaguei a vela. Chamei o fenômeno para se explicar comigo o que queria, o que não queria, quem mandava, quem não mandava! Eu perdi o controle, um pouco, fiquei nervoso e comecei a conversar sozinho, chamando mesmo! Comecei a insistir: o que queria, o que não queria, quem mandou, por que estava fazendo aquilo, se o problema era dinheiro, qual era o problema! Depois disso parou uns tempos. Depois voltou outra vez. Vem sempre de etapa em etapa."

A seguir, o Sr. Marcos e D. Noêmia referiram-se ao aparecimento de facas cruzadas, embaixo da cama do casal. As facas eram as suas mesmo, que inexplicavelmente saíam da gaveta e iam parar debaixo da cama, dispostas em cruz:

Marcos — "Nós saímos para a Igreja. Inclusive, eu trouxe o Pastor aqui. Isso foi no princípio, logo que eu me mudei para cá. Quando eu mudei, no início, as coisas estavam bem piores. Começou pior, mesmo! Apareceu alecrim de baixo do meu colchão, com facas cruzadas."

IBPP — D. Noêmia nunca deixa a casa de maneira que aquelas mulheres possam entrar aqui?

Marcos — "Não, a casa estava fechada. Uma vez nós saímos, estávamos em Artur Alvim. Fomos para Suzano, para a casa do meu cunhado. Quando chegamos aqui, encontramos alecrim debaixo da cama, debaixo do colchão. Levantei e encontramos o alecrim e as facas cruzadas. Chamei duas pessoas, vieram e viram. Até disseram que podia pegar com a mão esquerda, que não tinha problema. Eu disse que podia pegar com qualquer mão, que quisesse. Tiraram. À noite,

fomos para a Igreja. Aliás, antes de ir para a Igreja, acho que estávamos no quintal, apareceram duas facas cruzadas aqui na sala. Do jeito que estava, nós deixamos; nos arrumamos e fomos para a Igreja. Eu disse para deixar, que depois traríamos o Pastor e mais algumas pessoas para fazermos um trabalho dentro da casa. Quando voltamos, estava do mesmo jeito. Então foram feitas umas orações aqui dentro de casa e parou o problema das facas, mas agora começou com esse problema de faca cruzada e alecrim."

O Sr. Marcos informou, ainda, que ao entrar dentro de casa sentira forte cheiro de incenso para defumação. Entretanto, afirmou que tinha certeza de que ninguém poderia ter entrado na casa, durante a sua ausência. A casa estivera fechada a chave.

Embora suspeitasse que os acontecimentos estivessem ligados a possíveis trabalhos de magia negra feitos contra ele e sua família, o Sr. Marcos não encontrava razão plausível para justificar tal espécie de agressão. Ele e sua esposa são de famílias rigorosamente religiosas e seguem com fervor as crenças de origem. São pessoas pacíficas, honestas e votadas ao trabalho, não causando danos ou males a terceiros.

Entretanto, as circunstâncias que rodeiam os acontecimentos, particularmente os últimos, apontam para a possibilidade de estarem implicadas, nesses fenômenos, as ações maléficas provocadas por práticas de feitiçaria. A semelhança com outros casos por nós investigados autoriza-nos a formular esta hipótese. Não obstante, conscientizamo-nos acerca do aspecto inortodoxo de tal suposição, o qual poderá suscitar, inclusive, o descrédito para este trabalho. Todavia, o nosso intuito é retratar, com fidelidade, os fatos por nós observados, mas sem impor pontos de vista. Consideramos antiético ocultar certos fatos, pelo simples temor de perder o status como cientista, por exemplo. Neste particular, sentimo-nos plenamente livres, pois não preservamos interesses ou posições de qualquer espécie. Nosso único compromisso é com a realidade dos fatos.

5 - FATOS RELEVANTES QUE NÃO FORAM DETALHADOS NO CORPO DO RELATÓRIO

5.1 - JUSTIFICATIVA

No decorrer da narrativa feita até aqui, deixamos de comentar alguns acontecimentos, aos quais precisamos dar certo destaque devido ao aspecto dramático e inusitado dos mesmos. Além disso, alguns deles são fatos de natureza subjetiva, eventualmente passíveis de interpretações psicológicas normais, que talvez facilitem a solução dos problemas colocados por esta fenomenologia toda.

Vamos passar ao relato dos acontecimentos. Procuraremos manter-nos, como o fizemos até agora, fielmente adstritos aos fatos.

5.2 - A LUTA CONTRA O MONSTRO

Por ocasião da nossa quarta entrevista, no dia 15 de fevereiro de 1975, o Sr. Pedro relatou-nos um estranho e dramático episódio. Vamos reproduzir, na íntegra, as transcrições extraídas das gravações obtidas durante a entrevista, conforme temos observado até agora, visando à máxima fidelidade na reprodução destes relatos.

Em princípios de 1974, o Sr. Pedro estava planejando mudar-se para Guaianazes, deixando, em junho de 1974, a parte dos fundos da primeira casa. O Sr. Marcos ainda ali permaneceria com sua família, na parte da frente. Em fins de abril de 1974 os fenômenos reapareceram, inicialmente com a queda de pedras. Dia 2 de maio de 1974, começaram os fenômenos dos cortes. Desta vez, o estranho agente passou a cortar também as pessoas, além dos objetos. Os fenômenos foram surgindo em um crescendo desesperador. Nesta ocasião o Sr. Pedro já estava instalado em Guaianazes. O Sr. Marcos achou-se só com a família e tendo de enfrentar o problema. Foi aí que o Sr. Pedro recebeu notícias alarmantes a respeito do seu filho Marcos:

Pedro — "Quando eu mudei-me para Guaianazes, recebi um recado, minha filha foi chamar a Clotilde, a casada — já são duas casadas. Foram chamar para que eu voltasse na casa do Marcos, que o caso estava sério agora. Eu pensei: 'Não vou hoje; vou amanhã ...'"

IBPP — Quem ficou morando nos fundos?

Pedro — "No momento, ninguém... Então eu resolvi; nós fizemos uma oração... Seguimos no mesmo dia. Viajamos para cá. Chegando na casa dele, encontramos a panela com a comida que estava feita, com dois sapatos jogados dentro — isso, eu realmente presenciei — e uma Bíblia evangélica, toda rasgada, cortada e jogada lá pra baixo da cama!"

Nós tivemos um momento de oração e depois eu entrei dentro da casa, fiz uma pesquisa, fui no quarto, não senti direção mal nenhuma. Voltei pela sala novamente, não senti nada. Cheguei na cozinha, não senti nada. Quando cheguei no banheiro, senti que tinha corpo estranho ali. Dali, então desapareceu logo. Depois chegou um moço que passava dias conosco; ele estava na sala; nós palestrando; depois ele disse que se sentiu mal. A minha filha também disse que se sentiu mal naquele momento.

Eu não me senti mal, mas recebi uma direção por Deus para ir na casa do fundo, onde eu morava. Cheguei na sala, eles já tinham desligado a luz. Meu menino não entrava na casa, pois era um pouco sobressaltado. Eu entrei no escuro mesmo, fui..."

IBPP — Era noite?

Pedro — "Eram 20 horas mais ou menos."

IBPP — O senhor lembra de que dia?

Pedro — "Não lembro. Entrei no meu primeiro dormitório e não vi nada; passei pelos cantos da sala, não vi nada; voltando, fui ao banheiro, não vi nada; na cozinha não tinha nada. Depois fui no cômodo onde dormia minha filha, no cômodo de trás, chegando lá encontrei coisa estranha! Eu

não sei como lutei; sei é que lutei com aquele monstro, e ele foi considerado vencido!"

IBPP — Como o senhor conhece? Nós gostaríamos muito que o senhor nos descrevesse com mais detalhes esta experiência. Como é que o senhor sente ou vê?

Pedro — "Não; dificilmente eu vejo, mas percebo. E vou em qualquer lugar em que estiver."

IBPP — Quais os sintomas que o senhor sente?

Pedro — "Eu vejo pelos olhos espirituais. Se eu fechar os olhos, eu vou; e se for de olhos abertos, vou pelo mesmo lugar. Mas eu não vejo."

IBPP — De que natureza foi a sua luta contra o monstro?

Pedro — "A luta foi uma luta de estrangulamento. Lutei até ser dado por vencedor; como quem tinha sangrado um monstro, de espada. Então terminou a luta na casa dele."

IBPP — Como percebe o senhor, em sua imaginação, esse monstro?

Pedro — "Eu não percebo outra coisa senão que eu vi o braço desse monstro, pela primeira vez, como já foi registrado. Esse braço, tenho como lembrança; se fosse desenhado, desenharia, porque realmente o braço é muito forte, tem uma cor vermelho forte, pêlo muito parecente, bonito, lustroso, como de uma fera mesmo. Unhas muito grandes e pretas, lustrosas, curvas e amoladas por cima; tem um gomo assim por cima. Isso, eu vi realmente esse braço. Foi na hora em que uma vizinha nossa, que estava presente, desmaiou."

IBPP — Nesse dia em que o senhor entrou no quarto e presenciou a presença, como foi a sua percepção?

Pedro — "Lutei pelo vulto, mas eu não vi."

IBPP — Em que consistiu a luta? Era física, com seu próprio corpo?

Pedro — "Sim, lutando, pegando como quem estivesse estrangulando aquele monstro!"

IBPP — O senhor sentia o monstro?

Pedro — "Sentia; sentia a reação, a força até que..."

IBPP — Ele não lhe agrediu?

Pedro — "Não, eu não senti golpe nenhum dele, apenas ofereceu muita resistência. Mas depois eu senti como se tivesse dominado, dobrei, pus no solo e pisei como quem tinha pisado em cima do peito dele e sangrei!"

IBPP — Com que o senhor o sangrou?

Pedro — "Com uma espécie de espada. Isso também não vi."

IBPP — O senhor não tinha essa espada?

Pedro — "Sei mais ou menos que foi uma espada assim de uns 60 centímetros, mas eu não tenho nenhuma..."

Perguntamos se se tratava de um animal mesmo, ou se de uma pessoa com forma de animal. O Sr. Pedro afirmou que se tratava mesmo de um animal bruto, um monstro e não uma pessoa ou algo parecido. Procuramos saber a opinião do Sr. Pedro acerca da causa do referido fenômeno. Queríamos conhecer sua hipótese explicativa para tais fatos. Ele então forneceu-nos sua interpretação:

Pedro — "Eu acredito que o Marcos já deu algum esclarecimento. Porque nossa família é uma família escolhida, não desconsiderando as demais. Mas nós somos uma família Evangélica há muitos anos. Todos nasceram no Evangelho e qualquer um desta família, que se afasta dos caminhos da verdade, passará por experiências extraordinárias. Isso eles sabem realmente. E esse meu menino era um menino crente, mas sempre de vacilações; um tempo mais firme, um tempo mais afastado. E ele, entendendo alguma coisa do Evangelho, começou a se afastar dos princípios e nós sabíamos que ia suceder alguma coisa, mas não sabíamos qual

seria o fenômeno. Tivemos visões, avisos de que ia se dar um grande acontecimento em nossa casa, pois até reportagem ia comparecer e havia até sangue... Nós pensávamos que era alguma luta, algum desastre, mas realmente não foi..."

IBPP — Quem teve as visões?

Pedro — "Houve vários entre nós que tiveram essas visões. A minha filha casada, a Clotilde mesmo, teve essa revelação. Sabemos que foi revelação divina."

IBPP — Como era essa revelação, em forma de sonho, simbólica?

Pedro — "A revelação é o seguinte: porque nós oramos e quando estamos em contacto mesmo com Deus, nós recebemos a direção do Espírito de Deus e ele fala conosco, nos dá orientação, esclarece alguma coisa... A pessoa recebe e transmite."

A seguir o Sr. Pedro esclareceu que eles pertenciam à Igreja Pentecostal.

Resolvemos, então, tentar obter maiores detalhes a respeito da luta que o Sr. Pedro dizia ter tido com o monstro. Perguntamos se, no momento da luta, ele apenas imaginara a cena da luta, ou se ela foi mesmo real, se ele sentiu alguma coisa física pelejando com ele:

Pedro — "Eu fazia todos os gestos de lutador. Lutei muito para dominar. Depois fiz o gesto de sangrar aquele monstro. Foi considerado aquilo como morto, porque realmente desapareceu. A luta foi uma luta corporal, pois ele queria me dominar, mas eu dominei-o. Depois de dominado eu sentia que pisava em cima dele e sangrava-o. E depois arrastei-o, levei-o para fora, mas eu não vejo; não vi. Sentia."

IBPP — Quando o senhor faz esses gestos, o senhor os faz conscientemente, porque o senhor sabe que tem de fazer aqueles gestos, ou o senhor se sente orientado por alguém?

Pedro — "Eu recebo aquela direção... Eu sinto aquela autoridade e fico como uma pessoa que realmente não está completamente normal em si. Depois que volto ao meu normal é que reconheço que sou humano, mas faço espiritualmente. E não tenho ira, nem vingança! Nada disso. É um heroísmo, uma luta espiritual, mesmo; só para vencer aquele monstro. Porque não é esse o primeiro caso. Nós temos lutado muito com as pessoas obsedadas, diferente. Nós estamos, às vezes conscientemente segurando para que aquela pessoa não se machuque, não faça muitas extravagâncias...!"

IBPP — O senhor faz algum preparo, antes de começar um trabalho desses?

Pedro — "Sim, sempre é um trabalho de oração. Às vezes mesmo estou em casa e recebo um convite, uma pessoa manda chamar que tem alguém passando mal. Chegando lá, às vezes notamos que não é enfermidade, que é enfermidade espiritual. Às vezes dá um pouco de trabalho, mas às vezes com poucas palavras, com uma direção do Espírito de Deus, a gente ordena e logo liberta aquela pessoa. Mas esse é ao contrário, esse caso era um monstro. Eu tenho convicção. Não vi pessoalmente todo o corpo dele, mas vi o braço, e este braço ficou registrado. Eu me lembro que, no início, minha esposa foi fazer uma visita ao meu filho casado que mora em Taboão e, na hora em que iam sair, de carro, meu genro ia levar, eu convidei para fazermos uma oração primeiro. Quando estávamos orando para que não sucedesse mal na viagem, dessa vez eu vi um elemento da altura de 1,50 metros, com tórax muito forte, de uma cor não preta, mas caboclo, muito forte. Ele veio perceber nossa oração. Ficou a uns dois metros, com gesto de quem está assim, cabeça erguida, virada de lado, percebendo o que estávamos orando. Ninguém viu, mas eu vi. Recebi direção do Espírito de Deus e expulsei-o, repreendi-o. Porque compreendi que ele ia fazer alguma coisa na viagem, pois iam em defesa do meu filho..."

Segundo o Sr. Pedro devia haver mais de uma entidade perturbadora, presumivelmente três. Aquela com qual ele lutou foi posta fora de combate. De fato, a partir desse dia, o da luta, a casa do Sr. Marcos ficou em paz. Não se registrou nenhum outro fenômeno, até quando

ele se mudou de lá, vendendo a casa e indo morar por uns tempos com os sogros. Entretanto, na casa dos pais de D. Noêmia, os fenômenos reapareceram.

A propósito dos depoimentos do Sr. Pedro, relativos à sua "luta com o monstro", é difícil traçar o divisor que separa a realidade, da fantasia. Um fato é certo, os fenômenos cessaram na casa do Sr. Marcos e só reapareceram quando ele e sua família passaram a morar com os sogros. Entretanto, pode sentir-se o drama desenrolado naquela família. Os fatos assumiram o aspecto de uma luta surda e dramática, entre "forças maléficas" que insistiam em perturbar e amedrontar as pessoas, e a resistência místico-religiosa, a fé inabalável em suas crenças, por parte dessas criaturas. Quando lá estivemos, sentíamos no ambiente a confiança de todos na Providência Divina com a qual estavam contando, no poder divino de que o homem se sente investido para resistir e combater outro imponderável: as "forças demoníacas" desencadeadas não se sabe como, por quê, por quem, para quê...

5.3 - LICANTROPIA?

O *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, coloca o verbete *licantropia* como significando, além de "doença mental em que o enfermo se julga transformado em lobo", a "suposta metamorfose do homem em lobo".

A *Encyclopaedia of Psychic Science*, de Nandor Fodor (USA: University Books, 1974, p.209), diz que a *licantropia* é "a crença em que um ser humano pode, sob certas condições, transformar-se em um animal." A definição dada não especifica como sendo exclusivamente a transformação em lobo. Ela generaliza, citando, inclusive, um artigo de Richard Bagot, publicado sob forma de sumário no *Journal* da S.P.R., em julho de 1919, *The Hyenas of Pirra* (*Cornhill Magazine*, October, 1918). Esse artigo contém o relatório do Tenente F., acerca de suas diversas experiências pessoais, e uma passagem ocorrida com o Cap.

Shott, D.S.O, concernente à morte de nativos nigerianos, baleados quando em forma de supostas hienas.

A *An Encyclopaedia of Occultism*, de Lewis Spence (Secaucus, New Jersey: Citadel Press, 1974, p.255), também define a licantropia como sendo a "transformação de um ser humano em um animal". Conforme os locais onde há esta crença, assim também são os animais em que os *licantropos* se vêem transformados. Em algumas regiões da Ásia, o tigre é o animal, mais frequentemente assinalado; na Rússia é o urso e, na África, o leopardo. A crença corrente entre os selvagens é que cada indivíduo possui um animal em que particularmente poderia transformar-se, ou em vida, ou após a morte.

Essas crenças devem possuir algum suporte observacional, pois elas são muito antigas e espalhadas por todos os recantos do mundo. Não queremos discutir a questão da realidade e da natureza do suposto fato central que originaria tais crenças. Apenas tivemos por objetivo referir-nos aqui a este problema, como ponto de partida para os fatos que iremos narrar e que se situam no contexto do presente caso.

5.3.1 - Primeiro fato

No desenrolar desta nossa entrevista (15 de fevereiro de 1975), o Sr. Pedro referiu-se à sua suposição de que os agentes perturbadores e ocasionadores dos fenômenos que os molestavam deveriam ser pelo menos em número de três:

Pedro — "Mais de um! Mais ou menos eu entendo que eram três e nenhum se revelava mais como homem; revelava-se mais como monstro."

IBPP — Como animais, por exemplo?

Pedro — "Sim, um grande cão... Pois realmente eu não vi, mas pessoas viram e retrataram que era um policial muito grande, muito além, uma espécie quase de um leão. Isso eu não vi. O que eu vi foi apenas a mão com o braço; e este

elemento já retratei."

IBPP — Como o senhor e as demais pessoas chegaram à conclusão que eram três os perturbadores?

Pedro — "Por causa que um se revelou a mim nesse dia da oração, quando minha família ia visitar o meu filho. O outro foi esse que eu estrangulei na luta; e o outro porque tem um moço lá em Guaianazes, aliás, mais de um, que viu e retratou que era uma espécie de um monstro, um cão muito grande e que ele ia daqui para Guaianazes e voltava. De lá ele tinha visão também. Era um moço de visão..."

O Sr. Pedro esclareceu que o moço em questão pertencia ao quadro de membros da Igreja Pentecostal e era clarividente. Esta pessoa registrou a presença do "monstro", não só em Guarulhos como em Guaianazes também:

Pedro — "O monstro aparecia na frente da casa do Marcos e chegava até a porta de entrada da nossa casa, nos fundos. Esse moço que viu é o Geraldo, que mora em Guaianazes. Ele era um moço também de visão; foi registrado que ele realmente tinha visão de Deus. Quando ele deu os detalhes, segundo o que nós já tínhamos visto, constatamos que realmente era o mesmo. Ele fazia esse trecho, daqui de Guarulhos pra Guaianazes. Em Cumbica, mora uma senhora, uma mulher cristã, que nos ajudou nesta luta; e ele perturbou ela lá também. De lá ele falou ... Ele falou, pra ela, que ela não tinha nada que ver com a luta do Pedro e do Marcos."

O Sr. Pedro afirmou-nos que se tratava de espíritos malignos "incorporados em espécies de formas animais". Indagamos se tais entes eram materiais e que formas eram estas:

Pedro — "Demonstra-se vivente, demonstra realmente um corpo animal irracional."

Informou-nos que eram invisíveis aos sentidos da visão normal e que eram de outra espécie de natureza. A nossa pergunta de se tais monstros viviam dentro do nosso próprio mundo, ele nos respondeu:

Pedro — "Creio que sim. Assim que nós chegamos pra esse bairro, eu sou testemunha de que acordei mais de uma vez, à noite, para ver os acontecimentos que se davam. Os cães ficavam em desespero e se assustavam. Mas eu não cheguei a ver o que era. Eu sei que eles se assustavam com animais e eu pensava que era alguma onça que ainda vinha visitar esse bairro. Eu me levantava fora de hora e, quando eu ia me aproximando, os cães tinham medo até de mim; depois é que voltavam ao normal. Tudo assustado! Foram os primeiros fenômenos que eu alcancei neste lugar; depois desapareceu. Por isso é que eu acredito que eles vêm em forma de animal bruto, como feras."

Pelo que nos foi dado observar a respeito do Sr. Pedro, sem embargo de ser um homem rude e de pouca cultura, ele nos pareceu ser pessoa normal, inteligente, sincera e honesta, incapaz de faltar com a verdade. Por isso, suas declarações merecem fê, embora algumas delas possam sustentar-se em evidências discutíveis. Assim mesmo, tais informações poderiam sugerir outros aspectos para o presente caso, talvez com maiores complicações. Vejamos o segundo fato.

5.3.2 - Segundo fato

Na mesma visita que fizemos dia 15 de fevereiro de 1975, D. Noêmia contou-nos um curioso episódio passado com ela, quando tinha dezessete anos aproximadamente:

Noêmia — "Quando eu era solteira, tinha 17 anos mais ou menos, quando eu dormia, via ao meu lado, com a luz apagada, um cachorro preto. Aí, chamava minha mãe e quando ela acendia a luz, não via nada. Então eu não conseguia mais dormir."

Inquirida acerca do comportamento daquela forma estranha, D. Noêmia disse que a mesma ficava ao seu lado e quando ela passava a mão, para certificar-se da realidade do que estava vendo, sua mão sentia, de fato, um cachorro preto peludo, bem grande. D. Noêmia afirmou com toda a convicção:

Noêmia — *"Era cachorro mesmo. Eu o via peludo, com aqueles olhos brilhantes, olhando para mim. Era cachorro mesmo!"*

IBPP — Esta forma animal teria tentado alguma vez agredir a senhora?

Noêmia — *"Não, nunca; quando eu via logo chamava minha mãe e acendia a luz...Eu ficava com tanto medo, que não conseguia dormir mais."*

IBPP — Em que outras ocasiões mais, a senhora logrou ver essa forma?

Noêmia — *"Eu vi, quando ocorreu o fenômeno em minha casa, assim como a forma de um lobo, de um cachorro, que se escondia atrás do guarda-roupa... Vi três vezes, à noite. Quando iam deitar, apresentava-se em cima do guarda-roupa e quando levantávamos e acendíamos a luz, não era nada. Eu não conseguia dormir direito."*

D. Noêmia relatou, ainda, que o Sr. Marcos não punha dúvidas em suas afirmações; pelo contrário, ele, nessas ocasiões, sentia arrepios, embora não conseguisse ver a forma animal. Ela informou, também, que, certa ocasião, presenciara uma forma dessas tentando agredir o Sr. Marcos:

Noêmia — *"Nós estávamos nos preparando para deitar. Aí ele foi na cozinha e disse que ia ao banheiro. Eu já estava impressionada com estes fatos e fui atrás dele. Quando ele pisou na cozinha, eu vi uma mão peluda querendo pegar o pescoço dele. Quando gritei: 'Marcos, Marcos, uma coisa quer te agarrar!' Ele virou, não tinha visto mais..."*

IBPP — Desta vez não chegou a feri-lo?

Noêmia — *"Não; quando ia agarrar eu gritei e aí sumiu."*

IBPP — Isso ocorria somente à noite, quando a senhora e o Sr. Marcos estavam se preparando para dormir, ou em ou-

tras horas também?

Noêmia — *"Era à noite e de dia também."*

IBPP — A senhora viu várias vezes essa forma?

Noêmia — *"Vi, várias vezes."*

Inquirida se via outras formas de figuras ou fisionomias humanas, crianças, rostos medonhos, objetos, etc., além da forma de cachorro, atrás mencionada, D. Noêmia declarou que não. Entretanto, disse que, em certas ocasiões, ouvira chamar seu nome. Mas, de sua infância e mocidade, o único fato marcante era o da visão do cão preto.

Há um terceiro fato que parece ter ligações com os dois anteriores. Vejamo-lo.

5.3.3 - Terceiro fato

O leitor deve estar lembrado de que, após a mudança da família Marcos para a segunda casa, apareceram uns pratos que haviam sumido na primeira casa (ver item 2.8). Justamente no dia em que os pratos reapareceram, a filhinha do casal, Ruth, acordou às duas horas da madrugada, em pânico, dizendo que estava vendo "bichos" em cima do guarda-roupa! Vamos repetir novamente, aqui, as declarações do Sr. Marcos:

Marcos — *"Ela só dizia bicho, às vezes dizia gato, que é um cachorro que eu tenho. Eu acredito que ela via cachorro, gato, alguma coisa assim. Estava em desespero e nós não dormimos mais. Passamos a noite com ela no colo. Depois desse problema, ela começou a ter ataques; de um a dois ataques por dia. Ficava toda roxa, sumia a voz, sumia tudo. Levamo-la ao médico, fizemos uma consulta. O médico tirou um electroencefalograma. Tirou e não acusou nada."*

Em outra oportunidade em que entrevistamos o Sr. Marcos, conforme já mencionamos anteriormente, ele nos

disse que suas duas filhas, Ruth (4 anos) e Raquel (2 anos) eram atingidas pela influência do estranho agente. Nessas ocasiões, as garotinhas viam formas animais que as apavoravam (ver item 4.3):

IBPP — E quando ela fica assim, ela fala alguma coisa?

Marcos — *"Não. Ela (a Ruth) grita; ela diz que vê cachorro, gato. A Raquel (a mais nova) por exemplo, nesta semana aí, deu... Foi um problema para a gente conseguir acalmar a menina. Depois ela disse que havia visto cavalo."*

Quase no final do item 4.3, há uma informação do Sr. Marcos acerca de um episódio em que a menorzinha, a Raquel, achando-se deitada e dormindo em uma poltrona, deu um grito e despertou apavorada:

Marcos — *"... Aí, ela deu um grito e ficou apavorada. Notamos que algo estranho ela havia notado. Pegamos ela e ela gritava. Não havia jeito de acalmentá-la..."*

Em seguida, o Sr. Marcos procurou um amigo, tomaram um táxi e rumaram para a Igreja Evangélica onde se encontrava o Sr. Pedro. Um grupo de crentes foi à casa do Sr. Marcos e lá eles fizeram o exorcismo. Entre os fiéis encontravam-se alguns videntes, os quais assinalaram a presença de uma forma animal naquela residência. A nossa indagação, D. Noêmia informou: — *"Disseram que era do formato de um cavalo."*

Estaríamos diante de manifestações de licantropia?

A licantropia é ainda um assunto tabu na área da Parapsicologia ortodoxa. Entretanto, a licantropia vem sendo encarada como uma crença que se apóia em determinadas ocorrências bem documentadas. Como já mencionamos linhas atrás, ela é tratada em duas enciclopédias sérias: *Encyclopaedia of Psychic Science*, de Nandor Fodor e *An Encyclopaedia of Occultism*, de Lewis Spence. O *Dicionário Esotérico*, de Zaniah, também acolhe o verbo e dá-lhe bom espaço em suas páginas.

A licantropia, ao que parece não deve ocorrer apenas com encarnados. É possível que tal fenômeno seja uma peculiaridade do próprio Espírito desencarnado.

Em algumas circunstâncias, o "duplo astral" do encarnado poderia, talvez, sofrer um fenômeno de ideoplastia, assumindo formas animais ou monstruosas. Uma vez projetado fora do corpo, ele poderia ser visto por alguns sensitivos. Em outros casos, se o "duplo" possuir suficiente dose de ectoplasma, conseguirá manifestar-se tan givelmente. Semelhante possibilidade ocorreria também com relação a Espíritos desencarnados, de reduzido nível evolutivo.

Segundo os Umbandistas, os Espíritos são organizados em sete linhas, que se subdividem em subgrupos suc cessivos, também septenários. Com o objetivo de se diferenciarem umas das outras linhas, ou talvez por razões outras, tais Espíritos assumem formas peculiares a cada categoria. Tais formas são tanto mais estranhas e de aspecto desagradável quanto mais primitivo ou malévolo é o Espírito. Vamos transcrever a descrição que faz a respeito de uma dessas linhas o autor do livro *Trabalhos de Umbanda ou Magia Prática*, Sr. Lourenço Braga:

*"... a linha das almas é constituída de 7 legiões de espíritos, denominados 'Umuluns', cuja forma é apavorante; são peludos, como se fossem ursos, brancos uns e cinzentos outros; possuem mãos e pés com unhas em forma de garras, orelhas pontudas, dentes idênticos aos do javali, em alguns, 2 cornos, em outros, um só e central; em alguns, dois olhos, em outros, um só e central; são todos tortos de corpo, pés e braços e andam de rastros, sendo sua luz de cor vermelha escura." (BRAGA, L. - *Trabalhos de Umbanda ou Magia Prática*, Rio: Editora Moderna, 1946, p. 82).*

Chamou-nos a atenção o fato de as crianças se apavorarem à vista de algo que elas pareciam ver e que, devido à pouca idade, chamavam de gato, cachorro, cavalo, etc. São crianças habituadas com esses animais, pois em sua casa e nas adjacências há inúmeros deles. Não haveria

motivo para se assustarem, caso a forma vista por elas fosse simplesmente a desses animais domésticos. Tudo leva a crer que as formas vistas por elas eram animais, mas tinham aspecto horrendo, apavorante e semelhante à descrição oferecida na obra de Lourenço Braga, a respeito dos "Umuluns".

Finalmente, vamos lembrar algumas passagens desta monografia, as quais parecem ter relações com o presente tema:

Item 1.3 (final) — Quando perguntamos à D. Zina se ela vira exatamente como era a mão, ela respondeu:

— "Não. Só vi de relance; aquela coisa peluda e escura passou assim na minha vista e eu perdi os sentidos!"

Item 2.2 (quase no início) — Perguntamos ao Sr. Marcos se D. Noêmia havia visto o instante em que ele foi cortado:

Marcos — "Ela alega que viu um vulto ao lado da minha cama, um tipo de monstro, um negócio assim..."

"Disse que era um bicho cabeludo, tipo de uma onça, como se fosse um gorila, um macaco... Ela disse que viu aquele vulto, um bicho feio, horrível..."

"Ela não descreveu a cor. Disse que tinha a cara de fogo, os dentes grandes. Um negócio horrível. Logo que ela viu, ela começou a chorar e não agüentou..."

Observa-se que há certa semelhança entre estas descrições e a que faz Lourenço Braga, em seu livro *Trabalhos de Umbanda ou Magia Prática*, acerca dos "Umuluns".

Poderia supor-se que, eventualmente, se tratasse de espíritos de animais que, excepcionalmente, houvessem sido materializados na ocasião. No extenso repertório da Metapsíquica, há referências a esse tipo de ectoplasmia. São particularmente conhecidos os médiuns poloneses: Kluski, Guzik e Burgik, os quais produziam materializações de

animais. O Dr. Gustave Geley descreveu, em *Clairvoyance et Matérialisation*, uma sessão ocorrida em 20 de novembro de 1920, com o médium Kluski, durante a qual se materializou um macaco antropóide. Inúmeros relatórios de renomados metapsiquistas, como o Prof. Charles Richet, dão conta de várias sessões em que foram ectoplasmadas formas de cães e outros animais.

Entretanto, deve considerar-se que o agente (ou agentes) que molestava as famílias do Sr. Pedro e do Sr. Marcos mostrava um comportamento inteligente e de evidente intencionalidade. Além disso, ele atuava seletivamente, não perturbando igualmente os vizinhos das famílias atingidas. Foi observado pelo Sr. Marcos que o estranho ser incorporado era sensível às orações e rituais religiosos praticados pelos companheiros de crença do Sr. Pedro. Os constantes sumiços de dinheiro, as agressões contra pessoas, a danificação de objetos, como as Bíblias que foram cortadas, o aparecimento de velas acesas, a parapirogenia e os fenômenos de "apport" fazem supor a ação de uma inteligência humana, ou quase humana.

Finalmente, atribuir tudo isso à ação do inconsciente de uma pessoa viva, seja ela o *epicentro* — neste caso D. Noêmia — ou seja um feiticeiro, não nos parece muito fácil de sustentar.

Licantropia? Talvez; mas seria, então, a metamorfose de Espíritos muito atrasados, como os "Umuluns" e alguns "Exus".

5.4 - TENTATIVAS DE POSSESSÃO?

Há outros fatos dignos de atenção: são os ataques sofridos pelas crianças. As características dessas ocorrências são muito estranhas. Vamos lembrar alguns desses episódios.

Item 4.3 (quase no início):

Marcos — "Essa menina, por sinal a Ruth, ela é atingida pelo fenômeno."

IBPP — Como assim?

Marcos — *"Dá uma espécie de ataque nela e ela fica toda torta, toda defeituosa, e depois volta ao normal."*

Mais adiante, no mesmo item 4.3, o Sr. Marcos relata que fenômeno idêntico atingiu a pagem das crianças, a Elza:

Marcos — *"Ela ficava defeituosa, olhos fundos, rosto diferente..."*

No mesmo item 4.3, um pouco mais adiante D. Noêmia, descrevendo os sintomas da pequena Ruth durante uma das suas crises, disse o seguinte:

Noêmia — *"Ela fica caidinha. Inclusive na última vez que deu nela, o Marcos achou diferença nela, achou-a meio diferente. E quando ele saiu, ela começou a entortar a boca, os olhos, as mãos. Depois logo voltou."*

E um pouco mais para a frente, no mesmo item 4.3, há um extenso comentário do Sr. Marcos, do qual destacamos o seguinte trecho:

Marcos — *"... Quando ele chegou no serviço, disse-me para ir embora que a Ruth estava toda torta e que minha esposa estava apavorada; que era para eu ir embora..."*

Estes relatos concernentes às características dos ataques sofridos pelas crianças, inclusive pela jovem Elza, sugerem tratar-se de um início de "incorporação mediúnica"; uma espécie de tentativa de "possessão" por parte de uma entidade maligna, de baixíssimo nível espiritual. Pela nossa experiência pessoal nesse campo particular (mais de 50 anos de observação em sessões mediúnicas), temos motivos ponderáveis para supor tal ocorrência. Ainda mais, pelas descrições que os médiuns videntes fazem relativamente aos Espíritos frequentadores das sessões de Quimbanda, as contorsões e desfigurações sofridas no ato da incorporação caracterizam a posse mediúnica por "Exu" e, mais propriamente, por "Umulum".

Estes Espíritos costumam refletir, nos médiuns, as suas próprias deformidades. Os "Umuluns", por exemplo, apresentam-se como descreve Lourenço Braga: *"... são todos tortos de corpo, pés e braços e andam de rastros..."* (BRAGA, L. - opus cit. p. 82).

Alguns leitores poderão insistir na tese da epilepsia. Entretanto, além dos resultados negativos dos exames clínicos, há o fato de que, achando-se na casa dos avós, a Ruth não manifestava tais ataques. O mesmo se dava com a Elza que, fora da casa do Sr. Marcos, não apresentava anomalia alguma.

6 - ÚLTIMA VISITA

6.1 - O FIM DOS FENÔMENOS

Em 21 de abril de 1984 fizemos a sétima e última visita à família do Sr. Marcos. Ficamos sabendo, nesta ocasião, que o Sr. Pedro havia falecido no dia 20 de julho de 1979. Fomos informados, também, que os fenômenos já não perturbavam mais a família do Sr. Marcos. Haviam cessado, após certos eventos escassos, definitivamente, depois dos exorcismos levados a efeito pelos Pastores missionários da igreja "Assembléia de Deus".

De 16 de outubro de 1976, data da nossa penúltima visita, até 1984 deram-se sobretudo sumiços de dinheiro e movimentos de objetos e utensílios domésticos. Os fenômenos eram raros e pouco importantes. Apenas um fato relevante ocorreu com D. Noêmia. Esta teve uma visão da temível entidade que se presume ser o elemento incorporado perturbador. Segundo informação do Sr. Marcos, os fenômenos foram diminuindo após D. Noêmia ter visto a referida entidade e, como consequência, haver-se dedicado mais ao campo espiritual:

Marcos — *"Principalmente quando a Noêmia começou a se dedicar mais no campo espiritual, pois ela chegou até a ter diálogo com o fenômeno, em forma de Satanás, em forma de homem, fisionomia totalmente deformada, dentes para*

fora, e jorrando fogo quando falava".

Observe-se que a descrição corresponde à que é dada por Lourenço Braga, relativamente à figura do "Umulum". (BRAGA, L. - *Trabalhos de Umbanda ou Magia Prática*, Rio: Editora Moderna, 1946, p.82).

D. Noêmia e o Sr. Marcos são protestantes. Para eles o aspecto da referida entidade é interpretado como sendo a figura do Satanás bíblico. Em outro caso de Poltergeist pesquisado por nós em 1976, na Estrada de São Miguel, Vila Libanesa, São Paulo, que coincidentemente ocorreu também em casa de uma família protestante, obtivemos depoimentos de várias crianças que alegavam ter visto entidades na casa infestada. Suas descrições fazem lembrar as de D. Noêmia; inclusive houve o caso de um garoto de 11 anos, que foi arranhado por uma espécie de "animal peludo" que lhe deixou marcas de unhas bem visíveis. Uma menina também de 11 anos disse-nos haver visto, deitado sob um sofá, "um bicho preto peludo, com chifres, com rabo grosso e enormes garras." Outra garotinha de 5 anos, muito viva e inteligente, fez-nos relato de experiência semelhante: viu uma entidade com aspecto diabólico. Nesse Poltergeist ocorreram também inúmeros surtos de parapirogenia (PPG).

Em nossa última visita encontramos-nos com alguns parentes do Sr. Marcos, que confirmaram nada mais ter ocorrido em sua residência. Ele ainda permanece na mesma casa, a terceira, que construiu ajudado pelo seu genitor, o Sr. Pedro, quando este ainda vivia.

6.2 - AS MULHERES

Indagamos ao Sr. Marcos se as misteriosas mulheres, que insistiram em entrar em sua casa para "benzê-la", haviam retornado. Disse-nos que sim, mas não lograram o seu intento. Desapareceram definitivamente, e o Sr. Marcos, até hoje, não conseguiu saber quem são e o que pretendiam realmente fazer.

De qualquer forma, a atitude das duas mulheres e o material que elas conduziam — alecrim e velas — faz

pensar em pessoas dadas à prática de feitiçaria. Qual seria a intenção delas é difícil de supor. Entretanto, se atentarmos para o conjunto dos fatos, pode ser que, por trás deste caso, exista um componente de magia negra.

* * *

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

7.1 - O EPICENTRO

Tendo em vista as hipóteses vigentes acerca dos fenômenos de Poltergeist, o *epicentro* torna-se a peça fundamental desse tipo de ocorrência paranormal. A crença generalizada é a de que, normalmente, o epicentro deva ser uma pessoa jovem — quase sempre adolescente — portadora de problemas de repressão, especialmente com desajustes sexuais e, em alguns casos, com sua agressividade exaltada. A energia psíquica represada, devido às contingências educacionais, ou às condições do meio, exercendo certos tipos de forte coação sobre o paciente, é extravasada sob a forma de fenômenos psicocinéticos recorrentes isto é, o Poltergeist. A explicação atrás exposta é a mais corrente e aceita, principalmente pelos parapsicólogos com formação fortemente positivista e materialista. É uma hipótese reducionista, que visa a dar ao fenômeno o necessário enquadramento dentro de um esquema fisiologista e fisiologista, sem lançar mão das teses espiritualistas, tidas como metafísicas ou místico-religiosas.

O caso de Poltergeist aqui descrito parece fugir um pouco aos padrões vigentes acima enunciados. O epicentro, D. Noêmia, quando adolescente, afora o episódio das suas visões acerca de um cão preto em seu leito (ver item 5.3.2, às pp. 59 e 60), nunca manifestou, antes, qualquer tipo de fenômeno paranormal e muito menos psicocinético. Esta mesma visão se repetiu umas poucas vezes, mais tarde,

durante as ocorrências do Poltergeist (ver p.60).

No decorrer de sua adolescência, D. Noêmia levou vida normal de moça solteira e educada dentro dos padrões típicos, comuns às famílias evangélicas. Submetida a exame psicológico, por duas psicólogas pertencentes à equipe do I.B.P.P., D. Noêmia não revelou qualquer forma de anomalia psíquica que justificasse enquadrá-la na categoria de "agente psicocinético de um Poltergeist", conforme os padrões teóricos sugeridos pelas hipóteses vigentes.

D. Noêmia teve sua primeira menstruação aos treze anos de idade. Seu primeiro e único namorado foi o Sr. Marcos, tendo iniciado o namoro aos catorze anos. Casou-se com dezoito anos. O período de namoro e noivado decorreu sem incidentes relevantes. Quanto à vida de casados, observamos que se harmonizam perfeitamente bem, pois tanto D. Noêmia como o Sr. Marcos são pessoas bem educadas, tranquilas e de comportamento religioso aparentemente sincero, mas sem fanatismos. Atualmente já têm cinco filhos. Parece-nos que esses detalhes são suficientes para evidenciar que, no presente caso, a questão da repressão educacional e sexual não devem ter entrado como fatores da fenomenologia. Se fosse assim, D. Noêmia devia ter provocado tais fenômenos nas proximidades dos treze anos, ou daí em diante, até o seu casamento, e não aos 21 anos, depois de casada, tendo já uma filha e esperando outro bebê.

O Sr. Marcos pareceu-nos um bom marido, fiel à esposa e carinhoso para com a família. Quanto às suas poucas aventuras de rapaz solteiro, D. Noêmia mostrou conhecê-las todas, não manifestando ciúmes por isso. Pudemos mesmo abordar sem rodeios, com os dois juntos, tais questões, quando procurávamos deslindar o problema do provável trabalho de terreiro que parecia implicado no caso dos fenômenos que ultimamente estavam ocorrendo. Lembramos aqui o episódio das misteriosas mulheres que tentaram "benzer" a casa da família Marcos. Vamos voltar a este problema, logo mais adiante.

D. Noêmia pareceu-nos sempre ser pessoa de gênio bom, tranquila, nada agressiva. Observamos que era

bem acolhida pelos sogros e cunhados, desde quando as duas famílias viveram juntas e ocupando as duas primeiras casas. Eliminamos a hipótese de conflitos familiares ou crise de adaptação. A figura patriarcal do Sr. Pedro, homem religioso e afável, por si só seria a melhor garantia de convivência harmoniosa entre os membros daquelas duas famílias.

Finalmente, a não ser os arrepios sentidos uma ou outra vez, por D. Noêmia e o fato de os fenômenos acompanharem-na, nada mais ela percebia que pudesse apontar para uma extração de suas energias durante os acontecimentos e que a indicasse como o *epicentro* do Poltergeist.

Perguntamos ao Sr. Marcos se alguma vez D. Noêmia teria provocado o fenômeno de entortar talheres.

Marcos — *"Não entortou, inclusive no dia em que aquele Uri Geller esteve aí, anunciaram pra gente ligar a TV e tal, e eu fiquei aqui com um garfo na mão, dei uma colher pra minha esposa; tinha aqui um colega com um relógio. Nós ficamos aqui umas cinco pessoas. Não aconteceu nada. Dei uma colher pra minha filha. Não houve nada"*.

Sempre que investigamos casos de Poltergeist, com duzimos uma bússola com os demais aparelhos de gravação de sons e imagens, e de medição. Numa das nossas visitas, pedimos a D. Noêmia que tentasse mover o ponteiro da bússola por meio de imposição das mãos, como foi feito por Nina Kulagina, na URSS. Depois de inúmeras tentativas, não houve o menor indício de ação psicocinética. Esta única sessão com resultado negativo não tem significância, disto estamos cientes. Infelizmente, na ocasião, as circunstâncias não permitiram que se tentassem outros testes para avaliar-se, em laboratório, o nível da função psicocinética de D. Noêmia.

7.2 - MAGIA NEGRA?

Quando, em 16 de outubro de 1976, fizemos nossa 6a. visita, tivemos a oportunidade de abordar com o Sr. Marcos e D. Noêmia a hipótese da *magia negra* ter sido um dos

fatores das perturbações. O próprio Sr. Marcos é quem nos apresentou esta possibilidade, pois alguns membros da sua Igreja lhe haviam sugerido semelhante hipótese. Ele estava quase convencido de que os fenômenos teriam sido desencadeados por meio de "trabalhos de terreiro":

Marcos — *"Estou com muita fé; estamos convictos de que foi trabalho feito. Por isso é que não posso dar uma certeza. Mas estamos quase chegando lá. E acho que vamos chegar lá e desvendar tudo isso; que foi trabalho mandado."*

A nossa conversa enveredou para as possíveis possibilidades que poderiam ter encomendado algum trabalho contra eles. Pensou-se nas antigas namoradas do Sr. Marcos. A primeira suspeita caiu em uma certa Zoraide.

IBPP — O senhor acha que poderia ser ela?

Marcos — *"A mãe dela fazia uns tipos de trabalhos de encruzilhada; a mãe dela, ela eu não sei. Eu não acredito muito nessas coisas. Tive também uma em Brasília. Mas ela era meio de idade, e eu era um garotão de tudo. Desisti; deu um problema; disse que vinha pra São Paulo me procurar, etc.; eu a desiludi completamente. Eu acredito que não. Não sei. São as duas pessoas que, se for trabalho feito, as duas pessoas de quem eu posso suspeitar. Inclusive já foi dito que esse trabalho foi feito por mulher, e não mora aqui perto. Eu tenho andado nas Igrejas evangélicas, as pessoas que têm esses dons têm falado; às vezes por peça de roupa. Eu fui numa aí, a missionária Eliza: foi leva da uma peça de roupa, e pela peça ela disse que a família tinha um trabalho feito: sapo enterrado no cemitério, etc. Já são três pessoas que me falam isso; são trabalhos assim, de cemitério. Inclusive essa última que veio aqui em casa, a Nilza, ela falou que via um bocado de problema em cima da gente. Citou o mesmo problema de que era um trabalho feito com sapo; que tinham costurado a boca dele e depois tinham jogado no mar... Já ouvi isso por quatro pessoas. Por isso concluí que é trabalho feito."*

Em seguida o Sr. Marcos explicou-nos, longamente, como os videntes da sua Igreja fazem para desvendar tais problemas, usando o método da *psicométrie*, tocando em pe-

ças do vestuário, ou impondo as mãos sobre o próprio consulente. Infelizmente ele não conseguiu saber por quem, quando e onde foi realmente feito o aludido trabalho de magia negra. Segundo o Sr. Marcos, a extinção dos fenômenos foi conseguida à custa de exorcismo feito pelos Pastores missionários da sua Igreja.

Entretanto certos indícios como o episódio das mulheres que pretendiam benzer a casa, o aparecimento das velas acesas e dos ramos de alecrim, os sumiços de dinheiro e os outros demais fatos apontam para a possibilidade de ação maléfica a distância, por meio de práticas de feitiçaria. As práticas deste gênero são feitas de maneira a quase impossibilitar a vítima de saber exatamente quem mandou fazer ou quem fez o trabalho. Pode ter-se uma suspeita, mas dificilmente consegue ter-se uma certeza neste sentido.

Não descartamos a possibilidade da magia negra, devido à semelhança com outros casos de nossa coleção, em que ficou mais bem caracterizada tal circunstância.

7.3. - O AGENTE PERTURBADOR

Em outra monografia, que trata de um caso de Poltergeist, no qual parecia haver implicações de ação maléfica por meio de "práticas de terreiro", enumeramos as condições necessárias para haver a eclosão dos fenômenos físicos observáveis. São elas as seguintes: 1º) o feitiçeiro; 2º) os agentes incorpóreos que obedecem ao feitiçeiro e agem como intermediários; 3º) as práticas mágicas empíricas que acionam os agentes incorpóreos, levando-os a molestar as vítimas; 4º) a presença, no local dos fenômenos, de um epicentro humano capaz de fornecer a energia ou substância necessária aos agentes incorpóreos enviados pelo feitiçeiro; esta energia ou substância fornecida pelo epicentro parece suscetível de ser acumulada e utilizada em sua ausência, pelos agentes incorpóreos. (Andrade. H.G. - *O Poltergeist de Suzano*, São Paulo: IBPP, 1982, pp. 92-93).

Quando nos referimos a *agente incorpóreo*, queremos significar um ser que não possui um *corpo* feito de matéria física convencional, mas capaz de interação com os

objetos do mundo em que vivemos. Está claro que, pelo menos no presente caso de Poltergeist, o "agente perturbador" foi percebido visualmente e fisicamente por algumas pessoas, as quais chegaram a dar uma descrição de parte ou de todo o ser em questão. Houve, além disso, a ação física do agente, o qual cortava estofamentos e pessoas. Por conseguinte, devemos esclarecer que, não obstante estar privado de um corpo material normal, ele poderá possuir uma outra espécie de *corpo*, feito também de outra categoria de *matéria*. Desse modo o *agente* é *incorpóreo* apenas relativamente a nós, habitantes do espaço físico. É possível, mesmo, que ele exista corporeamente em outro *espaço* paralelo ao nosso. Nesse *espaço* ele deixaria de ser um ser *incorpóreo*, isto é, teria um *corpo* constituído de acordo com seu meio de existência. Para ser visto ou percebido em nosso espaço físico, ele dependeria da energia, ou substância, do *epicentro*, a qual parece servir de meio intermediário, capaz de facilitar a transferência de informação entre os dois espaços contíguos.

Os fenômenos de "apport", isto é, a teleportação de objetos de um local para outro, muitas vezes com entrada ou saída de recintos fechados, independentemente de abrir passagens para os mesmos objetos, sugerem que o *agente incorpóreo* tem acesso direto a qualquer lugar do nosso espaço. Desse modo ele pode, por exemplo, extrair uma xícara de dentro de um armário fechado e colocá-la em outro recinto fechado ou não. Este fato sugere, também, que ele pode observar os objetos do nosso espaço, a partir da região em que ele se encontra, isto é, do seu espaço próprio e supostamente paralelo ao nosso.

Pela sua maneira de agir, o *agente perturbador* demonstra possuir inteligência, talvez de nível humano. É digno de nota o fato de este ser estranho mostrar-se sensível a certas práticas religiosas, tais como a recitação do Salmo 91, os exorcismos, etc. Por que as preces, os rituais, as unções e outras cerimônias parecem ter influência sobre ele? Nos "terreiros" de "Quimbanda", as relações entre essas entidades e os *pais-de-santo* são estabelecidas mediante práticas mágico-religiosas, "pontos" riscados e cantados. Tudo isso constitui um mistério a ser desvendado e que está aguardando maior abertura por parte da Ciência,

para ser estudado e posto a serviço do bem da humanidade. A eletricidade, que primitivamente assustava e matava os homens, sob a forma do raio, hoje é talvez a nossa maior colaboradora, o nosso maior bem. Não seriam os "umuluns", os "exus" e demais entidades dos terreiros, determinados tipos de "forças inteligentes" que poderemos futuramente controlar?

7.4 - TERÍAMOS DE REVISAR NOSSOS CONHECIMENTOS?

Já temos evidências seguras de que os fenômenos paranormais podem ocorrer. Tal fato coloca-nos frente a um dilema: ou negamos, ou aceitamos. Se aceitarmos, o atual sistema científico deverá sofrer uma revisão. Esta revisão não implicará na negação daquilo que já temos como perfeitamente estabelecido à base do método científico. O mais provável será uma ampliação do quadro das leis conhecidas e a desradicalização de alguns conceitos e crenças científicas, cuja entronização vem impedindo a aceitação dos demais fatos naturais, notoriamente raros e de difícil investigação.

Precisaremos, além disso, estabelecer os limites exatos entre aquilo que deve entender-se como realidade e aquilo que realmente seria fantasia. Em outros termos, necessitamos definir corretamente o que podemos exigir como evidência quando tratar-se de uma ocorrência *paranormal*, a fim de tê-la como fato real. Se não fizermos assim, certas verdades permanecerão indefinidamente marginalizadas pela Ciência. É notório que, em relação aos fatos paranormais, estabelecem-se exigências algumas vezes excessivas no concernente à adução de evidências. Tais exigências podem ir além daquelas que se aplicam às demais situações consideradas normais, desde que se refiram a questões já aceitas pela Ciência.

7.4. - EMBORA PAREÇAM IMPOSSÍVEIS, CERTOS FATOS ACONTECEM

Diversas áreas novas estão se desenvolvendo na pesquisa parapsicológica. São particularmente importantes aquelas que investigam os fenômenos espontâneos. Devido ao "establishment" vigente na Ciência oficial, muitos desses fenômenos foram e são apriorística e sistematicamente marginalizados. Até o presente, consideráveis setores do sis

tema dominante ainda mantêm tal espécie de preconceito discriminatório em relação aos referidos fatos e à sua pesquisa. Entretanto, os fenômenos ocorrem, como no caso de Poltergeist ora abordado.

Alguns desses casos chegam a causar elevados danos materiais e a vitimar gravemente pessoas inocentes. A solução para tais dramas é relegada a inócuas providências de natureza policial, às vezes, ou a paliativos de ordem místico-religiosa, que felizmente chegam a funcionar em alguns casos.

Entronizada em seu pedestal, a Ciência oficial apenas busca, insistentemente, enquadrar tais fatos em absurdas e inadequadas categorias normais, quando esgota as hipóteses de fraude, erro observacional, ingenuidade dos observadores, superstição, etc.

Temos testemunhado alguns dos espantosos casos de Poltergeist pesquisados pela equipe do IBPP. Entre dezenas de casos bem investigados e documentados, alguns têm apresentado evidências significantes de ação maléfica a distância, induzida por meio de práticas mágicas empíricas.

Como assimilar esses fatos? A própria Parapsicologia, ainda presa a princípios ortodoxos, teria escrúpulos em enquadrar tais fatos em sua nascente estrutura. A dificuldade maior para a assimilação de fatos novos como os relatados neste caso não está na ação a distância. O grande óbice encontra-se nos detalhes da fenomenologia. Por absurdo que possa parecer, eles sugerem a ação de agentes incorpóreos responsáveis pelos efeitos físicos observados.

A uniformidade dos modelos de atividade e das descrições feitas por sensitivos videntes faz suspeitar que as crenças supersticiosas da antigüidade tiveram um suporte real e objetivo. Algumas descrições desses agentes incorpóreos, feitas isoladamente por pessoas de diferentes idades, níveis sociais e em épocas diversas, coincidem significativamente entre si e com as figuras diabólicas das tradições religiosas as mais antigas.

CONCLUSÃO

Que pensar acerca desses fatos? Como encarar a nova realidade que começa a emergir do conjunto de fatos revelados por esta recente modalidade de investigação científica? Estaríamos caminhando em direção a um *real-fantástico*, em termos de conhecimento experimental objetivo?

Se pudermos basear-nos em tais investigações, que nos parecem seguras, a Parapsicologia terá de reavaliar todo o imenso acervo da Matapsíquica e do Espiritismo.

É quase certo, também, que teremos de reformular os nossos conceitos acerca do Universo e do espaço que nos rodeia. Talvez cheguemos à conclusão de que vivemos no seio de um *espaço mal-assombrado*...

* * *
* *
*